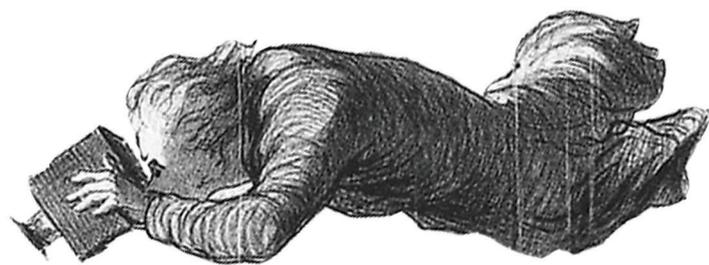


# RelevO

jun/2019, n.10, a.9 • Periódico literário  
independente feito em Curitiba-PR  
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



**Assine/Anuncie:** O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique) ou pelo [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

**As ilustrações desta edição** são de autoria de estudantes de Design da UTFPR. A capa é de Bolívar Escobar. Você pode conferir mais do trabalho dele em [www.vintevertices.com](http://www.vintevertices.com).

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Cezar Tridapalli  
Revisão: Mateus Senna  
Projeto gráfico: Marcell Mengarda  
Infografia: Bolívar Escobar  
Logística: Thaís Alessandra Tavares  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 28/05/2019

## Junho/2019

## Disso de dinheiro

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 350 Maria Luiza Martini; R\$ 300 Celso Martini; R\$ 200 Marina Domingues; R\$ 190 Bruno Tenório Rocha; R\$ 120 Rodrigo Domit; R\$ 100 Rafael Fernandes; João Henrique Balbinot; Cleverson Bravo; Alexandre Guarnieri; Silvana Guimarães; Gabriel Morais Medeiros; Eduardo Tesseroli; R\$ 75 Lia Marcia Finn; Eduardo Rocha; Vitória Tinoco; Filipe Brito & Adhara Garcia; Dagmar Spring; R\$ 60 Maximilian Rox; Severo Brudzinski; Isabele Orenge; Luiz Henrique Pellanda; Rômulo Cesar; Marcos Pamplona; Bruna de Conto; Simone Nunes; Ademir Demarchi; R\$ 50 Giovanni Guerreiro; Jim Duran; Karina Pierin; Vitor de Lerbo; Marcella Lopes Guimarães; Tonho França & Wilson Gorj; Pedro Calixto; Cíntia Lucas; Antonio Cescatto; Wagner Teixeira; Saul Machado; Rômulo Candal; Laercio Silva; Rafael de Oliveira; Nilbio Thé; Patricia Herman; Vagner Xavier; Marcelo Fedegger; Andressa Habibe; Pedro Gabriel; Beto Menezes; Priscila Prado; Sonia Prota; Antonio Carlos Secchin; Monique Portela; Carlos Pegurski; Renato Quege; Jordana Peixoto; Anderson Martins; Edson Valente; Cristina Bresser; Caio Negreiros; Guta Maruo; Alez; ANa Flores; R\$ 47 Luiz Claudio Lins; Douglas Lemos Milani; Gustavo Barbosa Aires Pinheiro; Rui Sobral; R\$ 25 Thiago Lisarte.  
TOTAL: R\$ 4.738

#### ANUNCIANTES:

R\$ 200 Vagner Xavier; Fernando Ferrone; R\$ 100 Editora Penalux; R\$ 50 Livrarias Joaquim, FISK; Estação Brasil; Banca Tatuí; R\$ 30 Sebo O Alienígena Total: R\$ 730

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.120  
Escritório: R\$ 315  
Entregadora: R\$ 50  
Capista: R\$ 50  
Embaladora: R\$ 50  
Editor-executivo: R\$ 100  
Editor-assistente: R\$ 100  
Mídias sociais: R\$ 350  
Revisão: R\$ 70  
Diagramação: R\$ 100  
Infografia: R\$ 70

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 500  
Embalagem: R\$ 215  
Correios: R\$ 1.400

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 25  
(+) Entradas totais: R\$ 5.468  
(-) Saídas totais: R\$ 5.425

**(=) Resultado operacional: R\$ 43**

## Dos leitores

### TELÊMACO

**Mario Gonçalves Dias Junior** Boa tarde, pessoal. Como vão? Recebi o **RelevO** e confesso que me surpreendi com a qualidade e a iniciativa de se manter um periódico físico nos dias atuais. Espero muito que o índice de leituras seja superior ao de envios e impressões, nosso ambiente atual PRECISA ler. Por ironia do destino (ou seria premeditado?), o artigo de um telêmaco-borbense (onde resido atualmente, Telêmaco Borba/PR) saiu ao lado do texto do escritor Victor Fermino sobre o primeiro capítulo do *Ulysses*, de James Joyce, chamado... "Telemachus"! Nunca antes o nome do filho de Odisseu — e do primeiro explorador e etnógrafo paranaense — esteve tão destacado ao público comum. E tomo a liberdade para uma breve explanação pessoal (e até antiquada, como se tornam alguns homens-pais após os 40) sobre o uso pouco refinado de alguns termos — como cu, pau etc. Eles servem perfeitamente para fins de comunicação quando bem empregados, com contextos humorísticos e até estéticos, mas não como sujeitos passivos ou complementos verbais. Um 'cu' textual pode gerar tanto risos quanto ofensas, cabe ao senso literário do autor definir suas premissas. Eu acho até que, para outros fins, ele não tem mais tanto impacto de choque atualmente, e pode ser substituído com muito mais eficácia por termos criativos salpicados de parnasianismo. Por exemplo: "...na reborda da espiral esfinteriana de seu saneamento

pessoal". E, aproveitando o convite para sugerir contribuições à edição humorística (e aproveitando para comprovar que não sou tão careta assim), indico um dos textos escatológicos mais antigos do mundo: "Catulo XVI", do polido autor Caio Valério Catulo (54-84 aC), com as devidas adequações que considerarem necessárias à tradução. E apresentando-se o contexto histórico e social, claro! Abraços, e até a tréplica.

**Teresa Silva** Gostei da resenha que Andri Carvão fez do romance *A ilha*, de Aldous Huxley, na edição de março. Interessante a afirmação de que todos os beats juntos não valem um Huxley. E também a informação de que as portas da percepção das quais Huxley falava, que, por sua vez, deram nome à banda The Doors, são oriundas de um verso de William Blake. Será que essas portas geraram mais referências?

**Mari Zam Braga** O **RelevO** é uma revista excelente, enquanto puder, vou assinar. Parabéns pelo trabalho e pela resistência. A gente que trabalha com livro, literatura, arte, sabe o quão difícil é essa caminhada.

### OMBUDSMÃO

**Gerson Alves** Tenho gostado muito do trabalho do Cezar Tridapalli como ombudsman do jornal. Senti um pouco de falta do tom mais crítico das duas primeiras colunas, mas ainda o acho consistente. Que siga por muitas edições.

*Da redação: Infelizmente, Gerson, a coluna de junho será a última do Cezar. Logo chega novo apedrejador pra gente gostar.*

**Henrique Jr.** Os três primeiros textos da edição de maio (“Cerimônia de adeus”, “Caio” e “A jaqueira”) senti-os como um soco no fígado, outro no estômago e o último no queixo — sendo este último (único que li até o final) quase aliviante, como o golpe final que apaga o lutador, aliviando-o das dores das duas primeiras pancadas e até fazendo-o esquecer completamente de ter recebido a última. Parafraçando mal dois poetas — a morte é o fim de todas as dores, mas não é a solução. Felizmente, veio em seguida a carta de Kimitake Hiraoka, também falando da morte e de como encará-la — a vida, que testemunho deixar para os futuros viventes, que morrerão igualmente. Felizmente, para nós leitores e para o ombudsman, essa edição de maio não parece ter sido feita apenas de textos jogados a esmo no papel-jornal.

**Mariana Cardoso Carvalho RelevO** meu. Ando íntima, vejam só. Aliás, talvez vocês nem saibam, mas a muitos quilômetros de Curitiba uma nova apaixonada já chama o jornal de "Rê". Relevem. É com atraso que escrevo, mas não quero mais adiar. Recebi a nova edição e fiquei até sem graça. Afinal, vocês tiveram a bondade de me enviar, nos últimos meses, três edições por minha "fidelidade". Pode parecer bestagem, mas foi uma das coisas mais bacanas que a literatura já fez por mim em horas difíceis — essa literatura que permite que a gente enxergue os homens e mulheres por trás do papel e das máquinas. Significou muito. Viver sem emprego formal no Brasil de 2019, pagando aluguel, querendo ser escritora, sem perspectiva alguma de melhora ou guinada (a não ser o sutiã que não me deixa ficar de todo caída, amém) não é situação das mais doces. Acontece que finalmente consegui bons bicos, e tcharã: vou assinar o jornal com pompa e circunstância. Se possível, providenciando uma faixa de Leal Leitora Pé-Rapado. Em breve, vou tentar a sorte no rol relevístico, enviando um trabalho. Ultimamente, quanto mais eu tento lapidar texto, mais acabo é lanhando minhas mãos. Faz mal não, tudo tem seu tempo. O meu é todo de vocês, lendo, divulgando, admirando. Com a mãozinha no queixo e suspiros vários, como faz minha avó. Um beijo e um queijo, como dizemos na terra de Adélia, e até logo.

COMOÇÃO

**Lucas Leite** Bela capa do Marcos Beccari.

**Sueli Mendes** Tá linda essa capa, chegou hoje o meu.

**Carlos Machado** O Marcos Beccari é um gênio, que capa é essa? Maravilhosa.

**Rafael Gonçalves Gobbo** Muito boa essa capa!

**Itamar Vieira Junior** Linda capa!

**William Soares Dos Santos** Super capa!

**Bruna C. De Conto** Amei!

**Fernanda Dante** Que capa demais!

**Dinovaldo Gilioli** Capa supimpa!

**Juliana Coelho** Capão.

**Marcus Serra** Capa PHODA demais!

**Pedro Boaron** Na capa, dois fenômenos que eu gosto.

*Da redação: Jornal fracassado e rosto desconhecido?*

MAGLIO

**TW Jonas** Rapaz, li recentemente no **RelevO** um conto da Maria Fernandes Elias Maglio que, ó, alto nível.

LOURENÇA LOU

**Lucio Carvalho** Não se começa um conto assim tão perfeitamente... Tem um tom de quem parece que não vai dizer e diz... Gosto muito.

IDEIAS

**Claudia Lopes Borio** Eu acho que o **RelevO** devia abrir uma página de matéria paga para promover escritores que queiram projetar seus novos livros, assim conseguiria mais uma fonte de renda.

**Flavia Brito** A edição de maio está afiadíssima, como o próprio editorial avisa.

RAFAEL FERNANDES

**Maria Do Rosário Lemos** O gostinho do texto do Rafael Fernandes na última edição deixou uma vontade de quero mais. Excelente!

AH, CORREIOS

**Anthony Portes** Parece um saco de lanche rápido, mas é o maravilhoso **RelevO**. *Da redação: O serviço é ruim, o jornal pode chegar todo escangalhado para o assinante, mas o otimismo persevera, Portes. Rumo às estrelas embora com dificuldades, como diz o provérbio latino.*

## Editorial

*O espírito, repitamos com Alain, zomba de tudo. Quando zomba do que detesta ou despreza, é ironia. Quando zomba do que ama ou estima, é humor. O que mais amo, o que estimo mais facilmente? “Eu mesmo”, como dizia Desproges. Isso diz o suficiente sobre a grandeza do humor, e sobre sua raridade. Como não seria uma virtude?*

André Comte-Sponville em *Pequeno Tratado das Pequenas Virtudes*

A edição de junho do **RelevO** é especial em duas frentes: uma é a do humor, ainda mais pujante do que o habitual (é ao menos o que achamos), a outra é que o projeto gráfico da edição é uma colaboração entre o nosso periódico e o designer-professor Bolívar Escobar, que colocou estudantes da sua turma da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) pra ralar e diagramar os textos do mês.

Como foi o processo? Palavras do Bolívar: “Os alunos do terceiro semestre do curso de Tecnologia em Design Gráfico da UTFPR precisam passar por uma disciplina chamada Tipografia. Nessa disciplina, eles aprendem sobre as técnicas de composição e diagramação de textos, desenhos de letras e criação de fontes e famílias tipográficas. Para deixar a vida desses alunos mais complicada, decidi propor essa parceria ao **RelevO**: o projeto consistiu em dividir a turma em equipes e deixar cada uma responsável por um texto da edição — os leitores vão acabar percebendo que cada página está bem diferente uma da outra. Os alunos tiveram liberdade para escolher as fontes, o formato e as ilustrações de cada texto, dentro dos limites da página, para depois poder conferir esse resultado impresso.

A montagem de capa também foi feita pela mesma turma, mas para a disciplina de Tratamento de Imagem, usando as obras disponíveis na galeria de domínio público do Instituto de Artes de Chicago. Aqui tem mais: <[www.artic.edu](http://www.artic.edu)>.

Ficam aqui os meus agradecimentos ao editor do jornal, Daniel Zanella, que aceitou a proposta e deixou o design da edição de junho por nossa conta, e aos alunos da turma N31 da UTFPR, que se dedicaram a aprender regras e técnicas de diagramação para esse projeto, ao longo de um mês especialmente exigente na disciplina.”

Sobre os textos e algo de humor:

1. Não há alvo inatingível;
2. Não há alvo inatingível independentemente da religião, do time de futebol, do fanatismo ideológico, do anunciante;
3. O primeiro e último alvo somos nós;
4. Não existe humor a favor;
5. Não dá pra viver o tempo todo no modo ironia;
6. “Li toda *Guerra e Paz* em vinte minutos. Fala da Rússia”, Woody Allen;
7. Rir do que se ama é amar duas vezes, não amar incondicionalmente é uma estratégia;
8. Há coragem no humor deslocado de seu tempo e contra quem contrata escritório de advocacia;
9. Rir do que está embaixo não estando embaixo é confortável.

Uma boa leitura a todos.

## Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

<b>Pará</b>	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
<b>Maranhão</b>	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazem em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luis	
<b>Ceará</b>	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Fortaleza	
S. G do Araripe	Biblioteca Comunitária Literateca
<b>Pernambuco</b>	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Oitinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
<b>Bahia</b>	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Salvador	
<b>Minas Gerais</b>	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Belo Horizonte	
Belém	Biblioteca Comunitária Professor Artindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachaloteca
<b>Rio de Janeiro</b>	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Tema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
<b>São Paulo</b>	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
<b>Rio Grande do Sul</b>	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipelago Biblioteca Comunitária do Anvredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Cilandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Porto Alegre	
<b>Dist. Federal</b>	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308
Brasília	

## Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

<b>ACRE</b>	<b>Rio Branco</b> Livraria N&S / Livraria Paim
<b>ALAGOAS</b>	<b>Maceió</b> Casa de Cultura Luso-Brasileira
<b>AMAZONAS</b>	<b>Manaus</b> Kalena Café O Alienígena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira
<b>BAHIA</b>	<b>Salvador</b> Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Midalouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara)
<b>LAURO DE FREITAS</b>	Livraria Dom Casmurro
<b>VITÓRIA DA CONQUISTA</b>	Livraria LDM
<b>CEARÁ</b>	<b>Fortaleza</b> Livraria Lamarca / Sebo Ellen / Livraria Arte & Ciência / Livraria Siora
<b>DISTRITO FEDERAL</b>	<b>Brasília</b> Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT
<b>CEILÂNDIA</b>	Jovem de Expressão
<b>ESPÍRITO SANTO</b>	<b>Vitória</b> Torre de Papel / Dom Quixote Livraria
<b>Dores do Rio Preto</b>	A Cafeteria
<b>Guarapari</b>	Banca da Lua
<b>São Mateus</b>	Livraria Sebo & Arte
<b>GOIÁS</b>	<b>Goianã</b> Evoe Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária Café Carino
<b>Anápolis</b>	Café S/A
<b>MARANHÃO</b>	<b>São Luis</b> Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro
<b>MATO GROSSO</b>	<b>Cuiabá</b> Bazar do Livro Matriz Metade Cheio
<b>MATO GROSSO DO SUL</b>	<b>Campo Grande</b> Livraria Le Parole
<b>MINAS GERAIS</b>	<b>Belo Horizonte</b> Armazém do Livro / Livraria Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu Café do Palácio / Café 104 Espaço Guaja
<b>Itajubá</b>	Lume Livraria / Sebo Bis
<b>Pouso Alegre</b>	Sebo São Darwin
<b>PARÁ</b>	<b>Belém</b> Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto
<b>Santarém</b>	BPP Sebo & Locadora
<b>PARAÍBA</b>	<b>João Pessoa</b> A Budéga Arte Café Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Ariano Suassuna
<b>Cajazeiras</b>	Livraria Universitária CZ
<b>PARANÁ</b>	<b>Curitiba</b> Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itiban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov

<b>Seropédica</b>	Canto Geral Livros e Discos
<b>Três Rios</b>	Livraria Favorita
<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	<b>Natal</b> Sebo Café Resebo
<b>Praia da Pipa</b>	Book Shop
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>	<b>Porto Alegre</b> Cirkula / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria Café Cartum Galeria Hipotética
<b>Bento Gonçalves</b>	Dom Quixote Livraria & Cafeteria
<b>Canela</b>	Empório Canela
<b>Caxias do Sul</b>	Do Arco da Velha Livraria & Café Dulce Amore Café & Algo Mais
<b>Frederico Westphalen</b>	Vitrola
<b>Santa Maria</b>	Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros
<b>São Francisco de Paula</b>	Miragem Livraria
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>Florianópolis</b> Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz Tralharía
<b>Balneário Camboriú</b>	Santo Livro Livraria e Bookstore Café Cultura Balneário Shopping
<b>Blumenau</b>	Livraria Blulivro
<b>Brusque</b>	Livraria Saber
<b>Caçador</b>	Livraria Selva
<b>Criciúma</b>	Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center
<b>Joinville</b>	Barba Ruiva Livros & Discos Casa 97
<b>Mafrá</b>	Restaurante Amora Sustentável
<b>Morro da Fumaça</b>	Livraria Beco Diagonal
<b>São Bento do Sul</b>	Dom Quixote Livros
<b>São José</b>	Sebo Ilha das Letras Café Cultura Continente Shopping
<b>Tubarão</b>	Libretto Livraria Café Cultura Farol Shopping
<b>SÃO PAULO</b>	<b>São Paulo</b> Comix Book Shop / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Books Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estúdio Lámina / Tapera Tapera / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira
<b>Araçatuba</b>	Sebo Dom Quixote
<b>Araraquara</b>	Casa da Cultura / Palacete das Rosas
<b>Botucatu</b>	Sebo Alfarrábio
<b>Campinas</b>	Livraria Pontes / Sebo Poirão TORTA – Espaço para um Dedo de Prosa
<b>Campos do Jordão</b>	Livraria Jaguaribe
<b>Franca</b>	Sebo Almanaque Confraria Cult / IPRA
<b>Petrópolis</b>	Livraria e Bistrô de Itaipava

<b>Guarulhos</b>	Livraria Guarulvivos
<b>Itatiba</b>	Livraria Toque e Letras
<b>Mogi Mirim</b>	Banca do Sardinha
<b>Piracicaba</b>	Sebo do Formiga
<b>Ribeirão Preto</b>	Livraria Travessa Ribeirão
<b>Santo André</b>	Livraria Pacobello Gambaléia Espaço de Artes e Convivência
<b>Taubaté</b>	Sebo Estação Cultural
<b>SERGIPE</b>	<b>Araçuaí</b> Livraria Escariz

<b>Legenda</b>	Livrarias, bancas e sebos
Cafeterias e panificadoras	
Espaços culturais	

## Locais Relevantes



**O Alienígena** facebook.com/sebo.alienigena/

Manaus / AM



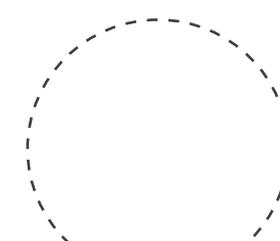
**Kikos Bar** bitly/kikosbar

Curitiba / PR



**Banca Tatui** www.bancatatui.com.br  
Desenho por Ângela León

São Paulo / SP



## Quer aparecer aqui?

Entre em contato!  
contato@jornalrelevo.com

# Despedida

OMBUDSMAN – Cezar Tridapalli

Acho curiosa a ênfase que o **RelevO** dá a suas entradas e saídas financeiras, como se fosse um órgão público financiado com dinheiro público. Esse rigor assíduo das lamentações me faz suspeitar que o jornal quer manter e ampliar a base de assinantes despertando piedades, convocando o altruísmo de quem fala “nossa, coitados, não recebem nada pra fazer isso”. Gostemos ou não, o jornal está dentro da mais lisa e límpida lógica capitalista: vai ter assinante enquanto tiver gente disposta a pagar uns dinheiros para receber uma experiência de leitura impressa. Se, somando e subtraindo as contas mensais de cada um, a experiência valer esses dinheiros, o jornal terá assinantes.

Pode ser nobre abrir as contas e mostrar pudor ao dizer que a equipe cogita receber pelo trabalho. Na prática, não há qualquer necessidade disso. O assinante paga pelo conteúdo do jornal, o anunciante paga para aparecer com um destaque que julgue compatível com o investimento. O que o jornal faz com o dinheiro de assinatura e anúncio não deveria ter nenhum interesse, tal informação no máximo alimenta a fofoca e o imaginário. Qualquer gasto do eventual lucro somente diz respeito a quem o gasta, não a quem paga, pois quem paga, paga pelo jornal e não para saber se a equipe vive mal ou bem. Quer um conteúdo significativo, quer que sua marca apareça decentemente. Ninguém pode chegar falando “ôrra, galera tá ficando rica às minhas custas”, “dia desses vi o editor tomando cerveja artesanal de 14 real”. Resumindo: leitor assinante paga para receber e ler, anunciante paga para aparecer. Equipe do **RelevO**: faz um jornal

que cause desejo e demanda, e envia corretamente. O que liga leitor, anunciante e editor é o jornal, o papel em sua forma e conteúdo. Não de onde assinantes e anunciantes tiram seu dinheiro e nem para onde esse dinheiro vai quando entra na conta da equipe. Não precisa gastar editoriais inteiros para angariar compaixão.

Pode ser cinismo meu, uma coisa muito “gestão empresarial e pragmática” para um jornal que é, veja bem, de literatura, que lida com subjetividades, mas desde o início imaginei que uma das minhas funções fosse estabelecer contrapontos. Exercício de ombudsman lida o tempo todo com a questão do duplo, a gente se desdobra para construir outras lógicas e trazer à tona um olhar novo que, como tal, pretende colocar na cabeça de leitores e editores sempre um “é mesmo!”. Muitas vezes falhamos miseravelmente (que clichê gostoso), mas a gente tenta, é nossa linha do horizonte, a utopia que faz o ombudsman caminhar: provocar um “é mesmo!”. Ou pelo menos testar convicções.

★★

Quando fui convidado pelo editor-chefe deste **RelevO**, foi-me proposto trabalhar de três a nove edições. Encerro minha participação na quinta. Pode parecer pouco, mas achei suficiente. Além de questões pessoais (sempre importante ser ombudsman de si mesmo), percebi que deixei o meu recado, fiz a minha avaliação dos pontos que julguei mais importantes. O periódico tem esse formato de compilação de textos e isso não vai mudar. É diferente de um veículo diário de imprensa com seus

vários cadernos e notícias aos montes, que a todo o momento está sujeito a escorregar numa tomada de posição, subestimar alguma pauta fundamental, ser francamente tendencioso em relação a temas que mereceriam ter dois ou mais lados contemplados. Nesses casos, cabe perfeitamente a figura de um ombudsman que fique um ou dois anos. No caso do **RelevO**, desde que achem mesmo importante manter essa figura – que não seja mero fetiche jornalístico –, temporadas curtas são a meu ver o melhor caminho. Depois de entender o mecanismo de funcionamento do jornal, de apontar pontos fortes e fracos, de perceber que alguns padrões não vão mudar, o que resta?

Tirar o time de campo e dar a vez a outros olhares.

A curta experiência não deixou de ser intrigante para perceber o quanto esse verbo, “perceber”, entra na rede de representações que as pessoas têm dentro de si, recombina o que está lá dentro e gera reações muito diferentes. Leitores me acharam cruel, outros me criticaram por ter puxado o freio nas edições seguintes. Ombudsman não é – ao menos não necessariamente – a figura que chega “para falar mal”. É alguém que compõe o conjunto de olhares sobre uma publicação e que, como qualquer leitor, pode escrever elogiando ou descendo a lenha. A vantagem é que a gente ganha um espaço maior e tem certeza de que será publicado.

Enfim, agradeço o convite e o espaço que ganhei durante cinco meses. Aprendi mais do que ensinei, em que pese a retórica meio demagógica dessa afirmação.



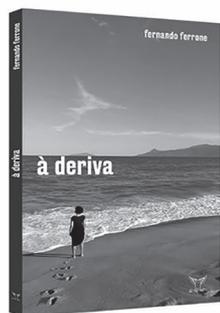
## TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES  
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

“Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge,/sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”.”

Adriano Espínola



*à deriva* narra a história de Isabela, paulistana que parte em viagem à Vila de Trindade, Rio de Janeiro, por um fim de semana. Essa jovem bancária está agastada do trabalho estafante, dos conflitos familiares, da falta de apoio das melhores amigas, das dificuldades da vida na cidade grande, mas, também, por mais que não queira admitir, pelo fantasma de um fim de namoro mal resolvido.

Nessa viagem de descanso, ela conhecerá pessoas que, cada uma a seu modo, empreendem buscas.

Caetano cresceu sem conhecer a mãe. No leito de morte, seu pai lhe revela uma pista que pode levá-lo até ela. Sua trilha o conduz à Trindade, onde mora uma antiga amiga de sua mãe, alguém que poderia lhe indicar seu paradeiro.

Bruno, figura misteriosa e sombria, separou-se há pouco, deixando mulher e três filhas. Desde então entrega-se a uma vida desregrada, vivendo de empregos precários. Entretanto, a imagem áspera que procura passar pode esconder uma realidade bem diferente.

Ao tentar fugir de sua realidade na metrópole, Isabela parte rumo a um outro mundo, na aparência mais ensolarado e colorido, porém os dilemas que ela enfrentará podem ser ainda mais terríveis que seu tédio cotidiano.

*à deriva* é, ao mesmo tempo, uma narrativa elegante e fluida. Escrita numa linguagem literária sofisticada, cheia de belas descrições e diálogos muito bem construídos, conta uma história sensível e delicada.

Mais do que um relato de viagem, *à deriva* pinta um panorama dos jovens adultos urbanos de classe média nascidos na década de 1980: sua precária condição econômica, sua visão de mundo, seus anseios e angústias, a maneira como se relacionam com as gerações mais antigas, mas, sobretudo, o desassossego daqueles a quem muito foi prometido e pouco foi entregue.

Adquira seu exemplar (14x21, 212 p.) pelo email [escritorferrone@gmail.com](mailto:escritorferrone@gmail.com)

[www.facebook.com/escritorferrone](http://www.facebook.com/escritorferrone)

livros | vinis



## Joaquim Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51  
Centro Curitiba-PR

[info@joaquimlivraria.com.br](mailto:info@joaquimlivraria.com.br) [fb.com/joaquimlivraria](https://fb.com/joaquimlivraria)



# FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

**Burocrata**  
carimbos espirituosos  
[burocratacarimbos.com](http://burocratacarimbos.com)

Domingo – 13h  
E-Paraná  
AM 630  
Estação  
**Brasil**  
apres.  
Arlindo Magrão

**ADVOCACIA**  
CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA  
CONTRATOS – TRABALHISTA  
**Bruno César Deschamps Meirinho**  
OAB/PR 48.641  
AV. CÂNDIDO DE ABREU, 526, 1506-TORRE B  
CENTRO CÍVICO, CURITIBA-PR  
(41) 3039 1922 – (41) 984 405 050 – [CONTATO@MEIRINHO.ABV.BR](mailto:CONTATO@MEIRINHO.ABV.BR)

Vagner Xavier  
**NÓS SOMOS  
INTERMINÁVEIS  
COMO O MAR**  
dhias

# A senhora vinha parando

Eu fui parada pela polícia, na cidade, pela primeira vez na vida, e eu preciso dizer que a polícia foi ok comigo quando percebeu que eu era uma tonta. Mas também preciso dizer o quanto ridiculamente o bom comportamento no trânsito parece ser indicativo de caráter.

Primeiro que, obviamente, limites de trânsito na cidade são fundamentais para uma vida civilizada. Segundo que boa parte das multas é ridícula e só serve pra fazer caixa para as quebradas prefeituras.

OBVIAMENTE existe uma indústria da multa.

Mas eu vinha parando. Na esquina. No meio do quarteirão. E a polícia, com sirene, me parou. Tremi demais. Nem conseguia procurar documentos.

“Por que parou no meio do quarteirão?”

“Pra pegar Pokémon”.

O guarda acreditou na hora. Mas tive que mostrar tudo. Documento. Meu. Do carro. Ouvia meu nome no rádio.

O guarda nem sem graça. Só explicando. Nós acompanhamos. A cada quarteirão a senhora vinha parando”.

No centro. PLMDDS. A cada quarteirão tem um ginásio ou um pokestop. O guarda se deu por vencido. Não se desculpou, mas disse que caçar Pokémon não é nada demais.

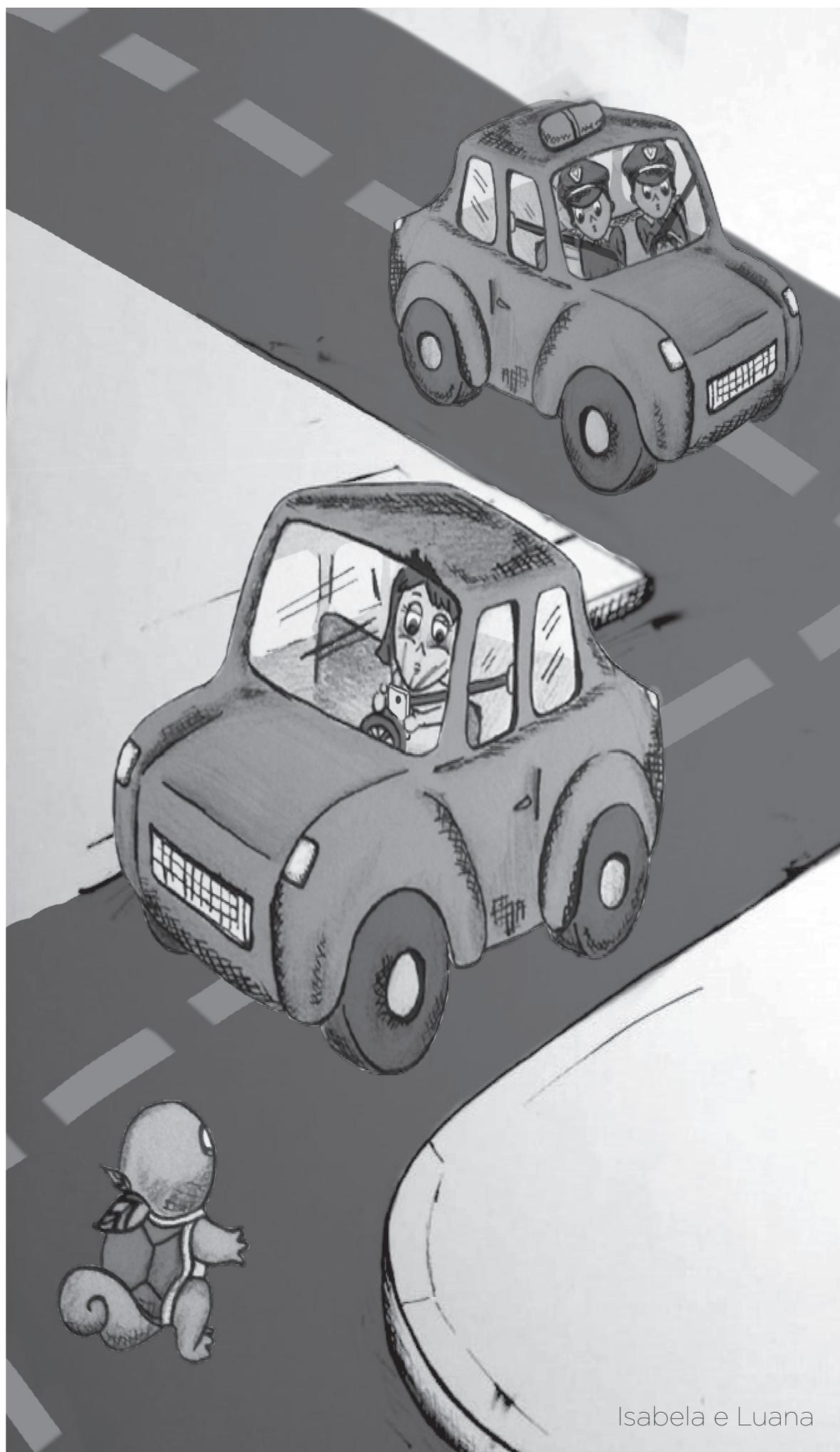
Ele não achou nada demais e acreditou na hora. Talvez eu tenha cara de tonta. Foda-se.

Só quero registrar que hoje, de madrugada, fui parada por duas viaturas que consideraram suspeito o meu comportamento de caçadora de Pokémon.

Sem stress, consideraram que era plausível a caçada.

Só. Sem mais.

- Mary W.



Isabela e Luana

# A QUADRA

MATEUS SENNA

Havia uma quadra de futebol no meu bairro, bem na minha rua. Não era pública, ao contrário. O dono, Gordo Babaca, como o chamávamos, era um capitalista daqueles, cobrava R\$ 190 a hora, enquanto outros lugares, nas vizinhanças, não passavam dos cem. Mas era uma quadra. Grama sintética de primeira (de arrancar a carne do joelho nas quedas), traves branquinhas (com um ou outro rabisco de quase gol e cantoneiras pouco deterioradas pela ferrugem), um tamanho excelente para grandes assistências e belos dribles dos pelejeiros (todo jogo saía também um gol olímpico); tudo isso sem perder o ar leve da cevada com mijo. O bar, atrás do palco, ressonava prosas acaloradas sobre a gosto da e a gorda — nada de futebol junto à mesa. A quentura sudorética, em comunhão com o cheiro de virilha, evocava o Deus da nobre arte, senhor de toda guerra.

Ainda lembro da vez que paguei ao Gordo Babaca meus últimos contos do mês para pelear contra alguns amigos de minha ex-namorada — questão de honra: Beto, o zagueiro deles, era apaixonado pela garota. Sangue me escorria dos olhos, e dos joelhos ralados, e a partida não teve fim até Betão sair com um belo arranhão no braço — foi o que consegui fazer naquele monstro de 1m85. O jogo também não viu seu fim até nosso gol de honra. 1 x 8.

Naquele mesmo dia, Aparecida terminou comigo, sabe-se lá o motivo. Pensei que a dor me mataria aos poucos, asfixiando-me com os gomos da bola que sustentava e escondia meu pranto. O pesar durou até a próxima partida (que, se não me engano, ainda me saiu grátis — Betão, novo amigo, pagara-me a parte da quadra rival).

Bem me disse um conhecido certa vez: O amor só é belo pela esperança de crer em si mesmo. Nas derrotas e términos sempre me perguntei o que é o amor.

A vida não era apenas futebol. Por sinal, formado e pós-graduado, trabalho como um cavalo de cocheiro há anos. O problema é que a bola me desconcentrava, seja para tocá-la como para somente louvá-la. Que a coordenadora da escola não saiba, mas já liberei a criançada mais cedo para assistir a jogo da Champions; já fingi que ia ao médico para jogar FIFA no videogame, já menti perder o cachorro para encontrar os amigos na quadra. Mas foram poucas vezes, nada demais. Sou professor de inglês, ninguém sentiu minha falta.

Talvez, e eu disse talvez, meu primeiro gol em terreno próprio para a prática desportiva tenha acontecido na quadra, ao rolar de uma bola NIKE brasileiro 99 por sobre a linha do gol que dá para a via rápida, logo após um belo chute (meu) de direita (perna ruim) num rebote. Talvez. Papai, maior incentivador, deve se recordar, afinal, nunca

perdeu sequer um gol de toda minha carreira, debatendo-se em cada arquibancada, cada banqueta de bar, como se eu o fosse, seu duplo, a prática de sua teoria. Papai é perneteta.

Há tempos não jogo bola. Havia uma quadra.

Descendo a rua de casa, uma claridade esquizofrênica tomou meus olhos; a vista tornara-se mais fértil, podiam-se enxergar as árvores do parque, os prédios, o cinza do céu exposto. “Muito melhor” uma senhora falou às minhas costas, “Agora aquele galpão não cobre mais meu apartamento, posso secar as roupas na janela”. Bolada ao pé do ouvido em dia frio. “Ô, viadinho”, era Gordo, mantendo o sorriso dos gananciosos, “vendi essa porra e vou montar um boteco lá na vila.” Não consegui dizer nada. Caminhei oco pela descida da rua, chorando por Desaparecida. O amor é dor maior do que tornozelo torcido.

O barracão desmoronado, as traves levadas para sucata e a grama jogada em algum playground. O comércio ao lado estava precisando de mais espaço para os clientes. A quadra juntara-se, da noite para o dia, às demais vagas do estacionamento de uma grandíssima (filha da puta de uma) loja de produtos vagabundos.

Às vezes vem a vontade de driblar, correr ou brigar. Observo o espaço em branco deixado pela quadra, uma ausência irreparável arde no peito e o pesar salga minhas bochechas. Mas não pode ser tão ruim. Sem gastar com chuteiras e peladas, tenho guardado uma graninha na poupança, vou comprar um carro. E há um estacionamento gigante no meu bairro. Sem falar que adoro produtos vagabundos.

O amor também é saudade, tão crônica quanto inflamação no púbis.

# O NOISE É O NOVO POP

Daniel Mittmann

## ou como pode São Leopoldo ser uma boa síntese do Brasil

O noise hoje é o novo pop! Tanto é assim que quase tudo que é artista tem usado — mais esteticamente que eticamente — um pedzinho de distorção. Gostam de colocar uns barulhos no meio da música (mas nada muito radical, para não assustar). Assim como existe um tipo de noise playboy. De noise gourmet (a gente é obrigado a falar as coisas em inglês, isso é um saco também: diríamos então um barulho-burocracia). Ano passado tocamos em um lugar em SP que é especializado em noise e experimental (vê se pode isso?). Os caras querem fazer do noise algo acadêmico, é deprimente. Gente que estuda “noise”... Oi? Sim, uma bobagem de playboy. Por pura alegria MACEDUSSS & Bando resolveu apenas tocar um cover infinito — em fluxo — de Legião Urbana. Claro que falamos coisas contrárias que queriam ouvir. Claro que não gostaram da gente, e isso é bem melhor para MACEDUSSS. Hoje, para a ideia e a política de MACEDUSSS, o lixo é mais importante que o noise. O lixo é o novo pixo!

Penso que sim e não, ao mesmo tempo. O Dub ainda é um subgênero pouco conhecido fora do nicho da música. Em SP, onde vivi um bom tempo, ele é bem ligado à periferia. Já no RJ, ou vivi um

tempo bem menor, ele é bem presente na classe média, na Zona Sul. Entendo que a potência do Dub mora na proposta política da aparelhagem e é aí que MACEDUSSS se inspira (além da estética escaleta do verão eterno, claro). De levar umas caixas de som para a rua, para o espaço público, e falar, fazer a galera dançar. O bando, ou o projeto, MACEDUSSS é isso. Fizemos apresentações assim, na rua, em lugares bem variados como Piracicaba (SP), Buenos Aires, Asunción-Paraguay, em Brasília, Curitiba e, claro, entre outras paragens, na nossa afamada São Leopoldo. Tudo muito bem documentado e jogado na internet. Basta uma simples pesquisa que se encontra fotos e vídeos. Afinal: MACEDUSSS é um vírus. MACEDUSSS é um vírus!

Quando eu falo em São Leopoldo, é estranho, sei que me refiro a uma camada de cidade que nem deve ser a “mais real”. Como vivo há anos entre temporadas na cidade e longos períodos fora, me alimento da memória e do contato íntimo com os amigos e a família que seguem em terras capilé. Mas toda cidade é um pouco isso: uma guerra de entendimentos e de códigos. Para MACEDUSSS, São Hell é única pelo simples fato do projeto ter nascido em um bairro de sua periferia no ano de 1992 (a ideia), em uma rua de terra. Eu sou São Leopoldo. Eu sou o Aimoré, eu sou o Rio dos Sinos. Nossa cidade tem uma coisa que poucas tem, isso é verdade, uma rua para ser chamada de principal. Para caminhar tranquilamente. O centro de SL é realmente um lugar mágico. É, ainda, um bom espaço para perambular, para encontros e desencontros.

SL é uma cidade negra, uma cidade com forte presença cultural das religiões afro-brasileiras. Algo que nos anima

bastante. Lembro de crescer ao som do atabaque. Isso, essa musicalidade, é o que MACEDUSSS quer para si. Mais do que dub: somos atabaque! SL é uma cidade muito ligada ao carnaval, ao futebol de várzea. Na realidade, SL é uma boa síntese do Brasil. MACEDUSSS é o Brasil!

A norma é um princípio de comparação. O normal, dentro da norma, está inscrito entre as “artes de julgar”. Isso é político. Por outro lado, é também o contrário, um movimento engraçado. É comédia. Pois quando se faz algo que não é normal. Mesmo que não seja nada demais, mas se cria alguma coisa, mesmo que seja anormal dentro dos anormais (normal?), se faz um ruído. E todos param para “olhar”. É uma dobra (opa: tem alguém fazendo algo e eu preciso entender). Parece que existe uma angústia de entendimento. Todos querem saber sobre — entender — MACEDUSSS. Mesmo que o slogan seja: “MACEDUSSS uma banda de impossível compreensão”. As pessoas quebram e fritam a cabeça, pois querem entender. Nesse movimento é incrível como aparece gente interessada. Só que, mais importante do que sermos todos grupos, grupelhos, panelinhas, é gerar algum desconforto intelectual, estético e político. MACEDUSSS é signatário em demasia do Didi Mocó (de sua primeira fase teórica-intelectual-comédia). Na verdade, MACEDUSSS é uma espécie de Os Trapalhões da sarjeta, dos pobres.

O dadaísmo, para mim, em termos de ideia de arte, é passado. É ultra-passado. Mas o concretismo, como forma, e principalmente enquanto arquitetura e urbanismo, é, hoje, muito popular. Em algumas cidades mais que outras. A nossa São Léo é muito concreta! Na medida que é, mesmo que não seja moderna, muito modernista. Explico. Tem ligação com uma pergunta, anterior, sua. SL é bem provinciana, tradicional. Em termos de costumes, muitas vezes, parece que parou no tempo (mesmo que seja banal falar isso). Mas, em termos formais (por isso concretismo), SL é muito moderna (nista). É só caminhar pelo centro. Nossa cidade é repleta de construções monumentais. O conjunto, por exemplo, dos três prédios redondos é ímpar! Marca todo e qualquer capilé. Pela Rua Grande encontramos prédios como o Agrimer (o Copan de SL), prédios como os do BB, do Banrisul, aquele colégio estadual que fica na esquina democrática capilé, entre outros, são exemplos fortes do modernismo em nossa cidade-colona. O próprio trocadilho: “São Léo, São Hell” é envolto em um concretismo vileiro. A rodoviária, aquele prédio acanhado e hoje engolido pela parte nova (horrível, por sinal), é brutalmente modernista. Dotada de um vitral, se despedaçando é verdade, que parece uma pintura do modernismo comunista russo. SL, assim como outra cidade qualquer, é incrível. É recheada de particularidades (camadas sobrepostas por outras camadas de distintas histórias). É preciso caminhar mais. É preciso estar a pé, ligado organicamente à cidade, para observar essas coisas. Quem anda de carro o tempo todo, quem vive a cidade de forma rodoviarista (“no céu os aviões e nos pés os caminhões”) não vai dar valor para a cidade que vive. Quem caminha a pé pode até sentir o fedor do rio dos sinos (que é uma beleza em si).



# Templo do Poder do Salvador

por Cristina Bresser



## SEGUNDA-FEIRA DO CRESCIMENTO FINANCEIRO

Tu dividirás os frutos do seu trabalho, conquistados com o suor do teu rosto, com teus irmãos menos favorecidos pela sorte e pagarás mensalmente o dízimo ao teu pastor, pois tudo que alcançares é Propriedade de Jesus. Não esqueças de trazer seu Cartão de Crédito do Senhor para ser grandemente abençoado!

## TERÇA-FEIRA DO MILAGRE URGENTE

Tenhas fé, ores e contribuas generosamente com as obras da tua igreja. Verás que milagres, ainda mais os urgentes, somente acontecem para aqueles que acreditam e que investem na Fé. Quanto maior a dificuldade de alcançar a graça, maior deve ser o valor da sua contribuição ao pastor. Como diz a santa oração: é dando que se recebe. Lembre-se: “Nada é impossível para Aquele que é O Salvador”.

## QUARTA-FEIRA DO DESPERTARESPIRITUAL

Orai e Vigiai. Tu deverás se ajoelhar aos pés do Criador e implorar pelo perdão divino por todo o teu mar de pecados. Deverás vigiar não somente os teus atos, como os dos teus vizinhos e VIZINHAS, os dos teus parentes e, principalmente, os dos teus amigos, pois a raposa sempre se disfarça de cordeiro.

## QUINTA-FEIRA DA HARMONIA FAMILIAR

Não basta seres honesto, tu tens que parecer honesto. Assim como tua esposa e tua filha têm que parecer virtuosas. Ores e trabalhes para que o Salvador cubra a ti e tua família com harmonia e prosperidade. Imploras ao Pai para que afaste de ti um irmão transviado, que tenha a intenção de levar teus filhos para o caminho das drogas, do vício do jogo, da bebida ou do mais terrível de todos os vícios: a sodomia.

## SEXTA-FEIRA DA LIBERTAÇÃO TOTAL

Liberta-te de todo pecado, de todo o mau pensamento e de todo desejo pecaminoso. No dia da semana em que os infiéis comemoram o Dia Mundial da Libertinagem, recolhe-te em oração e rogues a Deus para livrar-te de todo o mal. Se a carne for fraca e caíres em tentação, não te deixes fotografar ou te marcares no Facebook ou no Instagram. Aquilo que os olhos dos outros fiéis não veem... Amém.

## SÁBADO DOS CASOS IMPOSSÍVEIS

Tendes fé e ores com fervor, pois, para o Messias, nada é impossível. Rezes para a Cura Gay, para a construção do Muro Sagrado entre os Estados Unidos e o México e para o Flamengo ser campeão da Taça Libertadores. Não se deixes esmorecer e repitas: tudo posso Naquele que me Fortalece. Louvai ao Senhor.

## DOMINGO: SÊ TU UMA BENÇÃO

Uma vez que fostes criado à imagem e semelhança do Pai, sejas um poço de bondade, misericórdia e generosidade. Não se furtas de colaborar com as obras da Casa do Senhor e com a caixa de esmolas, nosso objeto de louvor e de adoração ao Salvador. Aleluia, irmão, aleluia!





A **cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: [www.amazon.com](http://www.amazon.com)



## POEMAS DA MEIA NOITE (E DO MEIO-DIA)

WILLIAN SOARES DOS SANTOS  
ED. PATUÁ

Quando os "Poemas da meia noite (e do meio-dia)" chegaram até nós, imaginamos que entrávamos imediatamente num universo com uma circularidade particular. A começar pela imagem de capa, pintada originalmente em aquarela pelo autor, mostra duas esferas levemente interseccionadas, articulando uma dimensão "cheia" e outra "vazia", prontas a se eclipsar uma na outra e abrir a dimensão estética da leitura como num clarão.

William assume estrofes que exaltam a beleza de poder romper com o ritmo vital linear; a vida pode andar em esferas nas quais podemos cair em segurança. O poema mostra que noite e dia, luz e escuridão, não é mais do que uma percepção que temos do movimento que estamos fazendo: Só há sol / em intervalos / de sistemas / que dançam.

Os poemas nos conduzem por um caminho que vai da totalidade à ruptura. Aos poucos, vemos que a circularidade que pensávamos adentrar jamais é completamente pacífica na literatura. Alguns "ecos íntimos" trazem claras referências às influências literárias do autor, que vão desde Manuel de Barros a Stephane Mallarmé. Assim, encerra-se o trabalho cíclico do poeta, que, de sol a sol, passa pelo meio-dia e pela meia-noite a apanhar a poesia do universo em um movimento infinito de abertura de si.

Morgana Rech & Tânia Ardito

acontece nos *livros*  
um canal dedicado à literatura

Inscreva-se e mergulhe no universo literário.

zagreusw

acontecenoslivros noslivros acontecenoslivros@gmail.com

 **Sérgio Pitaki**  
acupuntura  
médica

Rua Padre Anchieta, 2050, 18o. and. conj. 1802. Champagnat - Curitiba - Paraná - CEP. 80730-000  
Celular: (41) 99692-0070 - e-mail: [sergiopitaki@gmail.com](mailto:sergiopitaki@gmail.com) - Marcar consulta: [doctoralia.com.br](http://doctoralia.com.br)

  
www.editorapenalux.com.br  
facebook/penaluxeditora  
de 50 mil curtidas  
**Penalux**  
Envio de originais  
originais@editorapenalux.com.br

Caminhamos para o sexto ano de atividades com mais **600 títulos** no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros.

  
Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.



# Arraiá RelevO

O **RelevO** nunca precisou de festa junina.  
Agora precisa.

Pensando em novas formas de... e, principalmente, em novas e... para os assinantes esquecerem... por um jornal de papel, o end... do **RelevO** desenvolveu um c... atividades para a sua festa jun... ainda sem lugar definido e co... de pagar duas entradas antec... nota fiscal.

## Pinhudão:

O primeiro pinhão vibrador.  
Não funciona com energia elétrica, pois orgânico.  
Bom para as plaquetas.

## Quermesse millennial:

Com Netflix, iFood e playlist do Spotify "Festa Junina!!!".  
Porque se não for assim eu nem quero!

## Correio Elegante:

Destinatário ausente.

## Lançame Chico Bento,

Autoexplicativo (ex... de livros de empreen... catálogo "Como f... Nele, imagens de e... felizes pelo esc... JUNINA É PERF... SEUS COLABORA... no noss...

## TED TARK:

Coworking com comediantes especializados em imitar o sotaque caipira do interior de São Paulo (Jabaquara). Na ementa, estratégias para criar histórias de colonos barranqueando ovelhas na noite erma, arquitetura da piada de jeba, passo a passo da maquiagem de palhaço do interior, entre outros clássicos da culinária humorística da TV aberta.  
Abertura de Craque Neto.

## Mujica:

Isso mesmo! Grãos de canjica especialmente decorados com frases de efeito do ex-presidente uruguaio Pepe Mujica. Embalagem enrolada em seda. Encerra às 23h, pois depois as vogais se confundem e À MEIA-NOITE LEVAREI SUA AAALMA.

## Cin

Espaço re... etnolinguís... etnólogos e... se a palavra... tupi (pa.só.ka)

e arrecadação  
estratégias  
em que pagam  
omarketing  
ciclo de  
nina perfeita,  
m a exigência  
cipadas, sem

*Boa tarde,*

*As centrais do Jornal RelevO perderam a graça há pelo menos dois anos. Qualquer pessoa que prestasse atenção nelas perceberia o padrão gasto de somar cenários desconexos - sem graça - e juntá-los sob um contexto igualmente desconexo - e, adivinhem só, sem graça. "RelevO festa Junina"; "RelevO karaokê"; "RelevO Crisma"; "RelevO amigo secreto": vão para a puta que os pariu.*

*Como ninguém presta atenção, vocês continuam fazendo essas merdas.*

*Abraço,  
Maurício Muletta*

## ento do livro empreendedor:

xceto para consumidores  
ndedorismo). Acompanha  
azer sua festa caipira".  
stoque espalham atores  
ritório. Lê-se "FESTA  
EITA PARA MOTIVAR  
ADORES". Mais detalhes  
o LinQuindIn.

## edebate:

ecreativo em que  
stas, etimologistas,  
funkeiros debatem  
paçoca tem origem  
ou japonesa (pa.so.ká).

## Espaço indie de flanela:

Vistoso cercadinho de introversão onde o clássico indie rocker noventista, olhando para os próprios pés, traja sua camisa xadrez porque "tinha que vir a caráter né haha".

## Crentão:

Espaço patrocinado por um de nossos principais parceiros, a Igreja Bola de Bike, com o intuito de conscientizar o jovem sobre o uso irregular de bebida alcoólica e de sexo anal na hora - e fora - do casamento.

## Touro mecânico:

Crente de que androides sonham com ovelhas elétricas, o **RelevO** não apoia touradas com touros mecânicos. Em prol de uma sociedade que apoie menos a violência contra quem não a merece, o tradicional touro mecânico dá lugar a um ainda mais tradicional torno mecânico. Dessa forma, crianças podem brincar com segurança, longe da supervisão dos pais. Eles talvez fiquem uma fera...

## Tenda Museu do Olho:

Em vez de presentear alguém com um chato cartão postal curitibano - aquele com a grande contribuição de Oscar Niemeyer - enviamos um olho. Fresco.

## Cocada disruptiva:

O coach junino Jair Julinho Jacobsen Jr. (Gêmeos) entrega muita sabedoria em sua barraca de cuscuz quântico, pipoca transformacional, pé de moleque com DNA reprogramado e outras espigas no curau de quem é pamonha.

# Juan Darién

trecho do conto “Juan Darién”, de Horacio Quiroga (Editora Micronotas, 2019)  
tradução de Byron Vélez Escallón

— Fora daqui! Volte para o seu lugar! Fora!

Os adultos também, as pessoas mais velhas, que não estavam menos enfurecidas que os meninos. Quem sabe o que teria acontecido se, na mesma tarde da festa, não tivesse aparecido, finalmente, o ansiado domador de feras. Juan Darién estava cozinhando a sopa rala que tomava, quando ouviu a gritaria das pessoas que avançavam furiosamente na direção da sua casa. Apenas teve tempo de sair para ver o que acontecia: o capturaram, arrastando-o até a casa do domador.

— Está aqui! – gritavam, maltratando-o. – É esse! É um tigre! Não queremos saber nada com tigres! Tire-lhe a aparência de homem, e o mataremos!

E os meninos, os colegas de que mais gostava, e até as pessoas velhas, gritavam:

— É um tigre! Juan Darién vai nos devorar! Morte a Juan Darién!

Juan Darién protestava e chorava porque os golpes choviam sobre ele, e era uma criatura de doze anos. Mas nesse momento as pessoas se apartaram, e o domador, com grandes botas de couro brilhante, sobrecasaca vermelha e um chicote na mão, surgiu perante Juan Darién. O domador o fitou fixamente, e apertou com força a empunhadura do chicote.

— Ah! – exclamou. – Reconheço-te bem! A todos podes enganar, mas não a mim! Estou te vendo, filho de tigres! Sob tua camisa estou vendo as listras de tigre! Tirem-lhe a camisa, e tragam os cães de caça! Veremos logo se os cachorros te reconhecem como homem ou como tigre!

— Soltem logo os cães! – gritou o domador – e suplica aos deuses da tua selva, Juan Darién!

E quatro ferozes cães caçadores de tigres foram lançados dentro da jaula.

O domador fez isso porque os cachorros sempre reconhecem o cheiro dos tigres, e se farejassem Juan Darién sem roupas, logo o fariam em pedaços, pois assim veriam com os seus olhos de cães de caça as listras ocultas sob a pele de homem.

Mas os cães não viram outra coisa em Juan Darién que uma criança boa, que queria bem até mesmo aos animais daninhos. E abanavam mansos os rabos ao cheirá-lo.

— Devorem! É um tigre! Vamos! Vamos lá! – gritavam aos cachorros. E os cachorros latiam e pulavam, enlouquecidos, pela jaula, sem saber o que atacar.

O teste não tinha funcionado.

— Muito bem! – exclamou o domador. – Esses são cães bastardos, da raça do tigre. Não o reconhecem. Mas eu te reconheço, Juan Darién, e agora vamos nos entender.

E, assim dizendo, entrou na jaula e levantou o chicote.

— Tigre! – gritou. – Estás diante de um homem, e és um tigre! Estou vendo, sob tua pele roubada de homem, as listras do tigre! Mostra as tuas listras!

E rasgou o corpo de Juan Darién com uma feroz chibatada. A pobre criatura nua lançou um uivo de dor, enquanto a multidão enfurecida, repetia:

— Mostra as listras de tigre!

O suplício atroz continuou por um tempo – e não desejo que as crianças que me ouvem vejam martirizar dessa maneira nenhum ser.

— Por favor! Estou morrendo! – suplicava Juan Darién.

— Queremos ver as listras! – retrucavam.

— Não, não! Eu sou um homem! Ai, mamãe! – chorava o infeliz.

— Mostra as listras! – replicavam.

Finalmente, a tortura acabou. E no fundo da jaula, encurralado, aniquilado em um canto, somente restava um corpinho ensanguentado, o corpo da criança que tinha sido Juan Darién. Vivia ainda, e ainda podia andar, quando foi

tirado dali –mas havia passado por muito sofrimento, tanto como ninguém, nunca, sentirá.

Tiraram-no da jaula e, empurrado pelo meio da rua, foi expulso da aldeia. Ia caindo a cada tanto e, atrás dele, iam os rapazes, as mulheres e os homens crescidos, empurrando-o.

—Fora daqui, Juan Darién! Volta à selva, filho de tigre e coração de tigre! Fora, Juan Darién!

E aqueles que estavam longe e não podiam bater nele, jogavam pedras.

Juan Darién caiu por completo, finalmente, estendendo as suas pobres mãos de criança à procura de apoio. E seu cruel destino quis que uma mulher, que estava parada na porta de casa carregando nos braços uma inocente criatura, interpretasse mal esse gesto de súplica.

—Quis roubar o meu filho! – gritou a mulher. – Esticou as mãos para matá-lo! É um tigre! Matemos logo, antes que ele mate os nossos filhos!

Assim disse a mulher. E dessa maneira se cumpria a profecia da serpente; Juan Darién morreria quando uma mãe dentre os homens exigisse a vida e o coração de homem que outra mãe tinha dado a ele junto com seu peito.

Não era necessária outra acusação para decidir essas pessoas furiosas. E vinte braços, levantando pedras nas mãos, se aprontavam para esmagar Juan Darién, quando a voz rouca do domador mandou:

—Vamos marcá-lo com listras de fogo! Queimá-lo nos fogos de artifício!

Começava a escurecer, e quando chegaram à praça já era noite fechada. Na praça, tinham levantado um castelo de fogos de artifício, com rodas, coroas e luzes de bengala. Ataram Juan Darién no alto, no meio da praça, e acenderam o pavio. O fio de fogo correu velozmente, subindo e descendo, e acendeu o castelo inteiro. E, entre as estrelas fixas e as rodas girantes de todas as cores, viu-se, lá em cima, Juan Darién sacrificado.

—É teu último dia de homem, Juan Darién! – bradavam todos. – Mostra as listras!

—Perdão, perdão! – gritava a criatura, contorcendo o corpo entre as faíscas e as nuvens de fumaça. As rodas amarelas, vermelhas e verdes giravam vertiginosas, umas à direita e outras à esquerda. Os jatos de fogo tangente traçavam grandes circunferências. E no meio, queimado pelos jorros de faíscas que atravessavam seu corpo, retorcia-se Juan Darién.

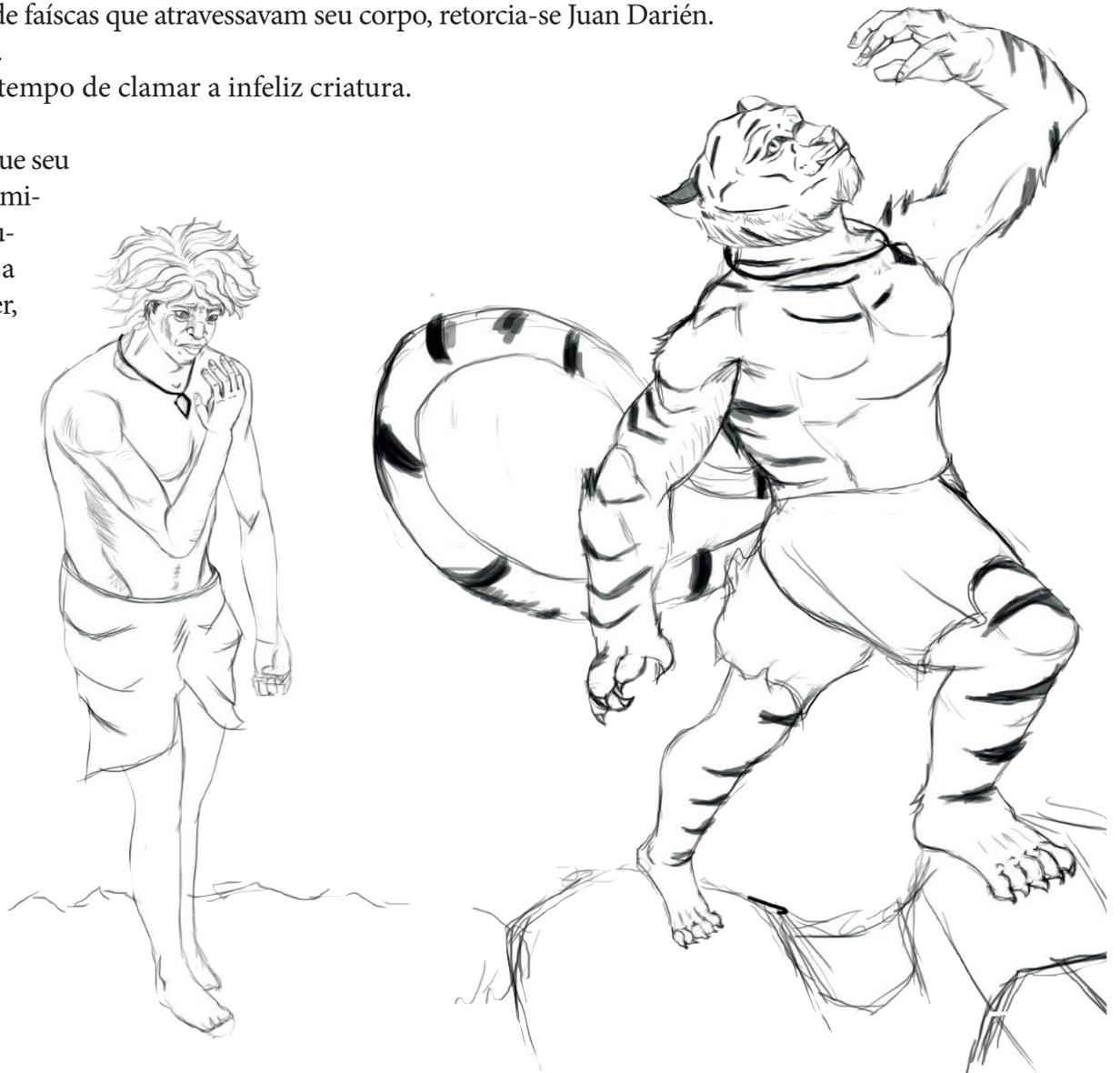
—Mostra as listras! – urravam ainda lá de abaixo.

—Não, perdão! Eu sou um homem! – teve ainda tempo de clamar a infeliz criatura.

E, após um novo sulco de fogo, pode ver-se que seu corpo se agitava em convulsões; ouviu-se que seus gemidos adquiriam um tom profundo e rouco; e percebeu-se que seu corpo mudava aos poucos a sua forma. E a multidão, com um grito selvagem de triunfo, pode ver, finalmente, sob a pele do homem, as listras pretas, paralelas e fatais do tigre.

A atroz obra de crueldade estava cumprida: tinham conseguido aquilo que queriam. Em vez da criatura inocente de qualquer culpa, lá em cima não havia outra coisa que um corpo de tigre que agonizava rugindo.

As luzes de bengala iam, também, esmorecendo. Um último jato de faíscas, com o qual morria a luz de uma roda, alcançou a corda atada aos pulsos (não: as patas do tigre, pois Juan Darién já não existia mais), e o corpo caiu pesadamente no chão. A multidão o arrastou até o limite da floresta, abandonando-o lá, para que os chacais devorassem o cadáver e o coração de fera.



Contudo, o tigre não tinha morrido. Com o frescor da noite voltou a si, e arrastando-se, cativo de horríveis tormentos, internou-se na selva. Durante um mês inteiro não abandonou sua toca, no coração da floresta, aguardando com sombria paciência de fera que suas feridas curassem. Todas cicatrizaram, enfim, exceto uma, uma profunda queimadura no dorso que não sarava, e que o tigre enfaixou com grandes folhas.

Tinha conservado da sua forma recentemente perdida três coisas: a lembrança viva do passado, a habilidade das suas mãos, que usava como homem, e a linguagem. Mas no resto, em absolutamente tudo, era uma fera, que não se diferenciava em nada de outros tigres.

Quando se sentiu finalmente curado, passou a voz entre os demais tigres da selva para que, nessa mesma noite, se reunissem diante do grande canavial que fazia limite com as lavouras. E, ao cair da noite, dirigiu-se silenciosamente rumo à aldeia. Subiu numa árvore dos arredores, e aguardou imóvel por um longo tempo. Viu passar, sem fixar o olhar, pobres mulheres e lavradores cansados, de aspecto miserável. Até que, por fim, viu avançar pela vereda um homem de grandes botas e sobrecasaca vermelha.

O tigre não mexeu nem um só galho ao se encolher para pular. Saltou sobre o domador, o derrubou desmaiado de uma mãozada e, pegando-o pela cintura entre os dentes, o levou sem feri-lo até o canavial. Nesse lugar, junto dos imensos juncos que se alçavam invisíveis, estavam os tigres da selva movimentando-se na escuridão, e seus olhos brilhavam como luzes que vão de um lado para o outro. O homem continuava desacordado. O tigre, então, disse:

—Irmãos: eu vivi doze anos entre os homens, como um homem. E sou um tigre. Talvez possa, pelas minhas ações, apagar mais tarde essa mancha. Irmãos: esta noite rompo o último laço que me une ao passado.

E depois de falar assim, pegou com a boca o homem, que continuava desfalecido, e subiu com ele até o ponto mais alto do canavial, deixando-o atado entre dois bambus. Depois ateou fogo às folhas secas do chão, e logo uma labareda ascendeu aos estalos.

Os tigres recuavam espantados diante do fogo. Mas o tigre disse: “Paz, irmãos!”. E eles sossegaram, deitando-se e olhando, com os ventres no chão e as patas cruzadas.

O canavial ardia como um imenso castelo de fogos de artifício. As canas estalavam como bombas, e seus gases se entremevavam em agudas flechas coloridas. As labaredas ascendiam em súbitas e graves baforadas, deixando sob elas lívidos buracos e, no topo, lá onde ainda não chegava o fogo, as canas se balançavam, encrespadas pelo calor.

Mas o homem, lambido pelas chamas, tinha voltado a si. Viu, lá embaixo, os tigres com os olhos encarnados fixos nele, e compreendeu tudo.

—Perdão, perdoem-me! – uivou, se contorcendo. – Peço perdão por tudo!

Ninguém respondeu. O homem sentiu-se, então, abandonado por Deus, e gritou com a alma toda:

—Perdão, Juan Darién!

Ao ouvir isso, Juan Darién levantou a cabeça e disse friamente:

—Aqui não há ninguém que se chame Juan Darién. Não conheço Juan Darién. Esse é um nome de homem, e todos aqui somos tigres.

E, voltando-se aos seus companheiros, como se não compreendesse, perguntou:

—Algum de vocês se chama Juan Darién?

Mas já as chamas tinham queimado o castelo até o céu. E, dentre as agudas luzes de bengala que riscavam o muro de chamas, viu-se, lá em cima, um corpo preto que fumegava carbonizado.

**Além do café delicioso e exclusivo, tem coisas que a turma da literatura adora**

:: Conversa boa :: Biblioteca  
 :: Sala para reuniões e aulas  
 :: Wi-fi sem cadastros chatos  
 :: Espaço para lançamento de livros  
 :: Fácil de chegar e estacionar

 motoracercacuritiba  
 motoracercacafe\_



Rua Jacarezinho, 231 - Curitiba

# NÃO ALIMENTE OS MACACOS

Viegas Fernandes da Costa

**T**em esse velhinho, que todos os dias vejo parado diante daquela estante esquecida, de pé, folheando as páginas de uma antiquada Delta Larousse. Vejo-o pelo vidro do aquário onde trabalho. O aquário – explique-se – é uma dessas horrendas repartições que inventaram para isolar funcionário – eu – e os usuários da biblioteca. “Não alimente os macacos”, sugeri certa vez que escrevessem em uma das faces do vidro, para que todos soubessem que uma biblioteca pode também parecer um zoológico. E é, claro que é. Não apenas a biblioteca, mas toda a Universidade do qual esta faz parte, um zoológico repleto de bichinhos, alguns exóticos, outros bastante comuns, enfim. “Não alimente os macacos”. De qualquer maneira, sou eu que observo e estranho. O velhinho – também não é assim tão velho, mas se trata de um senhor, claro que sim – continua ali, estranhamente continua ali, não cansa, de pé, às mãos o volume número 9 (HOR – MAR), edição de 1974. Intriga-me saber o que procura.

Da outra vez, depois de ido o velhinho e devolvido o volume à estante, dignei-me a abandonar provisoriamente o aquário e encontrar o volume número 9 da Delta Larousse, ainda quente das mãos. Estão um pouco descoladas e amarfanhadas as páginas 4053 a 4058, logo suponho serem estas o alvo da curiosidade do velhinho – que também não é assim tão velho. Há, na 4053, uma breve biografia do escultor grego Lisipo, nascido em 390 antes de Cristo e data de morte ignorada. As informações, claro, são da própria edição de 1974 da Delta Larousse. Não o sabia, mas Lisipo foi o retratista oficial de Alexandre, o Grande. Há, inclusive, foto da réplica da estátua “Hermes amarrando a sandália”, pertencente ao Museu do Louvre. Hermes, claro, está nu, como se apetece estar na clássica estatua grega. Já a página 4054 reúne de “Lispector, Clarice” – com direito à reprodução do retrato desta escritora pintado por Chirico – à “lissofobia” – o medo doentio de contrair raiva –, “lister” – um tipo de atadura impregnada pelo ácido fênico –, concluindo com “Listing (Johann Benedikt)” – o físico e geodista alemão, morto em 1882, autor de estudos sobre o vulcão Etna. 4056 e 4057 não têm figurinhas, mas uma boa porção de pequenos verbetes que vão de “literatura” a “litoral”, passando pelos estrambóticos “litergol”, “litisconsórcio”, “litoglifite”, “litomástix”, “litopalaxia” – que a enciclopédia muito reveladoramente explica tratar-se do mesmo que a litotripsia –, chegando no “litopônio”, verdadeiro palavrão, convenhamos, com uma sonoridade ímpar quando verbalizado. Diga aí, em alto e bom som: “sou mesmo um litopônio!”, e sorria o riso dos bobos.

Litopônio enche mesmo a boca e nos orgulha da capacidade do ser humano nominar absolutamente tudo o que existe, até mesmo a pigmentação branca formada de sulfato de bário e sulfeto de zinco (e vivas à Delta Larousse!). Até porque só não tem nome aquilo que não existe, afinal, antropocêntricos que somos, só existe aquilo que sabemos existir e, para que saibamos da existência de algo, este algo precisa ser batizado, não é mesmo? Bem, deixemos. Quero mesmo registrar que na página 4058 temos de “Litoral de Camocim e Acaraú” a

“litro”, sim, o singelo litro, mas que tem direito à ilustração na margem esquerda da página: cinco exemplos de litros (de estanho para álcoois, de vidro para bebidas, de vidro para leite, de metal para leite e de madeira para cereais) – vejam vocês a que nível de minúcia chega a Delta Larousse, edição de 1974. Fantástico! Será que nosso velhinho – que também não é assim tão velho – interessava-se pelo litopônio? Ou procurava mesmo saber quem fora Li Tch’eng, que não citamos, mas também está lá, no meio da página 4055. Só mesmo uma enciclopédia é capaz de produzir um ordenamento tal. O volume número 9 (HOR – MAR), por exemplo, inicia com “Körner (Theodor)”, na página 3837, e conclui com “marte”, não o planeta, mas o elemento Ferro na alquimia, na página 4328. Entre Körner e Marte, uma galáxia de possibilidades!

Todo este exercício em torno do nosso velhinho – que também não é assim tão velho – porque este me devolve, cada vez que o vejo ali, medieval e disciplinadamente ereto empunhando a Delta Larousse, ao prazer que me proporcionava uma enciclopédia desde os primeiros tempos em que aprendi a ler, até o final da minha adolescência. Durante todos os meus anos de Ensino Fundamental, que cursei na Escola Machado de Assis, meu sonho sempre foi poder ostentar na estante lá de casa uma rubra Barsa. Sim, pecaminosamente rubra, a Barsa servia-me

de porta para a perdição, como os livros proibidos da biblioteca imaginada por Umberto Eco em O nome da rosa. Tudo era possível de se encontrar na Barsa, assim como suponho crer nosso velhinho – que também não é assim tão velho – na antiquada Delta Larousse, edição de 1974. A Barsa, entretanto, nunca a pude possuir como desejei, cara como era e pobres como sempre fomos. Não a podiam comprar, meus pais, e assim perdia-me em suas páginas nas edições antigas, disponíveis na biblioteca escolar. Digo mais, fazia parte do kit de sobrevivência escolar aprender, tão

logo quanto possível, a consultar uma enciclopédia. Não havia tema para trabalho escolar que não se achasse nesses cartapácios que agora descansam esquecidos – salvo por nosso velhinho – nas estantes que abarcam meus olhos a partir deste aquário. Qual o jovem estudante que hoje sonha com uma prateleira repleta dos volumes sedutoramente rubros de uma Barsa?

Os tempos mudaram, mudaram depressa. Não estão piores, não estão melhores, apenas mudados. Hoje queremos ajudar a escrever a enciclopédia em bits e bytes e, se possível, incluímos nossa biografia nela. Justo, muito justo! A mim, entretanto, fica o sabor de uma ausência. Uma enciclopédia com suas dezenas de volumes e milhares de páginas é todo um universo possível de ser abarcado por nossos olhos e mãos e, por força do acaso, lança-nos ao rosto a eloquência de um litopônio. Um universo real, palpável, tangível, que me presenteava com uma certa sensação de onisciência – falsa, é bem verdade, mas ainda assim poderosa – e me aproximava de Deus. A enciclopédia disciplinava o mundo, ainda que promovendo aproximações caóticas. Aproximações como estas, de um velhinho – que também não é assim tão velho –, uma enciclopédia, o funcionário de uma biblioteca enjaulado no aquário de vidro e uma tabuleta onde poderá se ler: “não alimente os macacos”.

**“Os tempos mudaram,  
mudaram depressa.  
Não estão piores, não  
estão melhores, apenas  
mudados.”**

# Não é pirâmide! Apresento-lhes nosso Esquema de Pirâmide Invertida

Ei, você. Obrigado por vir à minha palestra. Meu nome é Maurílio Dengo, consultor da Zipon.

Tá vendo esse Corolla 2020? Semana passada eu dirigia um Twingo 2001. Eu consegui esse Corolla 2020 em dois meses. Sabe como eu consegui esse Corolla 2020 em dois meses?

Eu consegui esse Corolla 2020 na Zipon.

Mas o que é a Zipon?

A Zipon é o primeiro Esquema de Pirâmide Invertida do mundo. E, bom, você viu meu Corolla 2020: o primeiro Esquema de Pirâmide Invertida é sucesso absoluto no mundo corporativo. Somos top of mind.



A Zipon é tudo, menos esquema de pirâmide. Porque nós disrompemos a prática do esquema de pirâmide ao inaugurar a indústria da desadesão. É invenção nossa – trademark e tudo. Pode chamar de jabuticaba: eu prefiro chamar de unicórnio.

Como é? O nosso produto?

Meu amigo, nosso produto – ou melhor, *nosso serviço* – é muito claro. Mas eu já chego lá. Na Zipon, não existe essa gambiarra de “plano gold”, “vendedor platinum”, “indicação premium plus”. Aqui as coisas são muito simples. Veja: basta você se descadastrar.

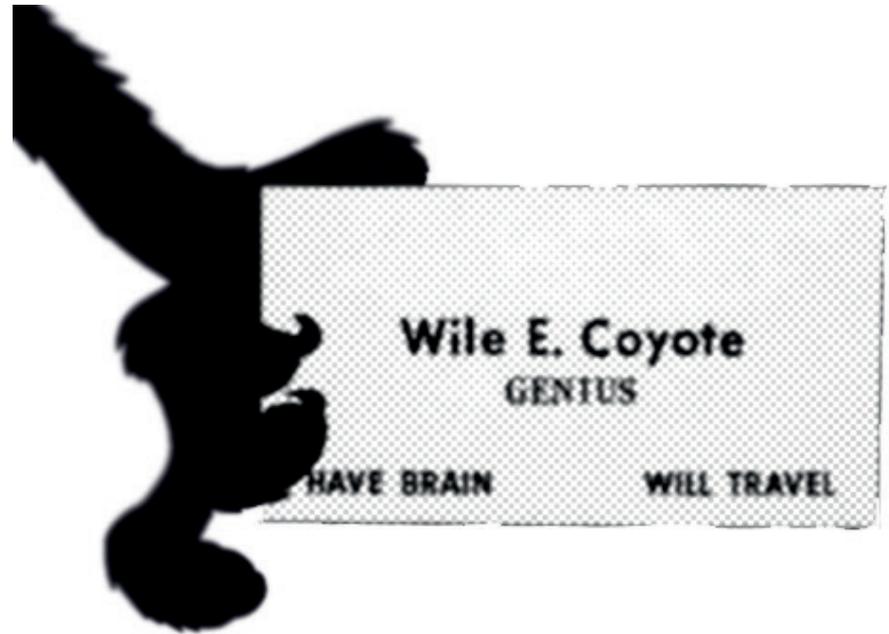
“Se descadastrar, Maurílio? Como assim, Maurílio? Do quê, Maurílio?”. Eu te compreendo. Ao contrário dos esquemas de pirâmide, nós não escondemos nada: vocês já são clientes da Zipon. Só precisam pagar a multa da rescisão contratual.

“Que rescisão, Maurílio? Do que você tá falando, Maurílio?”. Do contrato que vocês assinaram. “Mas, Maurílio, eu não assinei nenhum contrato!”. Calma. Antes de eu explicar melhor, gostaria de mostrar a vocês este vídeo institucional.

*Vídeo institucional de 7 minutos é exibido. Nele, um animado solo de piano acompanha momentos pouco específicos de escritórios com pessoas de etnias e uniformes diversos, mas todas irremediavelmente felizes. Então uma narração em off relata a trajetória do fundador da Zipon, e pouco a pouco instrumentos de percussão adentram a trilha sonora, num crescendo que culmina em um final explosivo, com mensagens inspiradoras. A última fala da narração é “Zipon: voando com você”.*

Como vocês puderam ver, a Zipon foi fundada por Adilson Camargo. E, como ficou bem claro, Adilson era um sujeito plenamente rancoroso – daí a mudança legal de seu nome para Adilson Amargo.

Para os que não prestaram atenção, resumo: por 30 anos, Adilson anotou o nome de todas as pessoas que ele odiava, que lhe fizeram mal ou que simplesmente “usavam chapéus ridículos”. Mais do que isso: Adil-



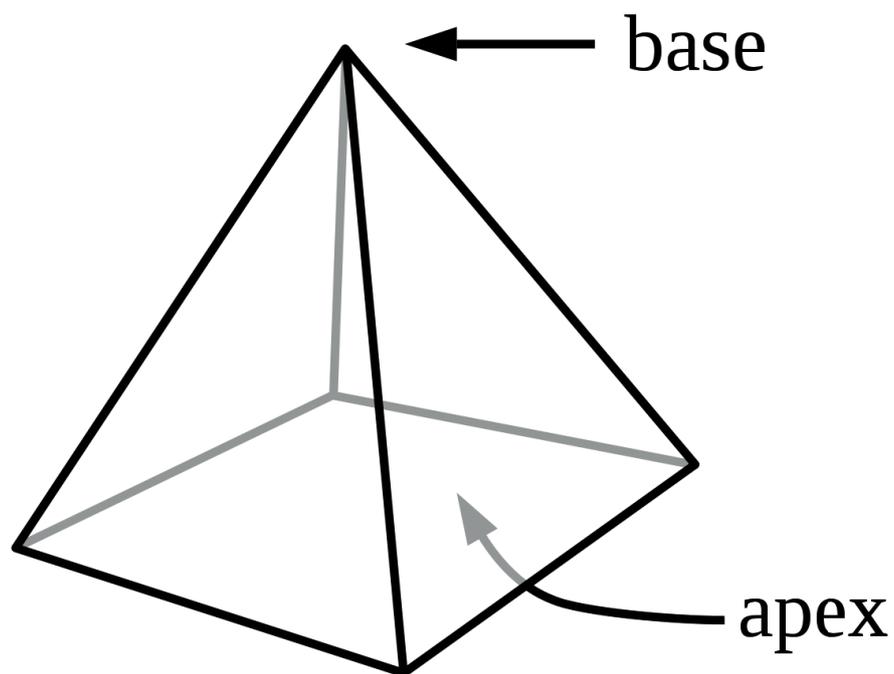
son anotou os podres de cada um deles – com fotografias, notas fiscais e até filmagens, o que, na década de 1990, era um feito e tanto. Mas Adilson nunca realizou nada com seus cadernos. Infelizmente, ele não viveu o suficiente para pôr em prática aquelas iniciativas inovadoras.

Seu filho Bruno, CEO e founder da Zipon, percebeu que o talento do pai não poderia ir para a cova com ele. Um a um, Bruno ligou para os alvos de seu pai e cobrou deles uma recompensa pelo silêncio. Daí surgiu a maior base de dados de extorsão do país. Nesse caso, o grande mérito de Bruno não foi apenas extorquir, mas montar uma cadeia de eventos que torna a extorsão como única opção possível para o cadastrado.

Então, se você foi convidado para esta palestra, é porque nossos consultores, isto é, life ruinners – como eu, Maurílio – cadastraram seus nomes na nossa lista de contatos. Dessa forma, vocês todos têm dois problemas sérios.

O primeiro é que vocês, afinal, têm algum segredo sério (traição, evasão fiscal, aquela vez que o remédio necessário para manter vivo o cachorro da namorada não foi administrado, etc.). O segundo, muito pior que o primeiro, é que alguém sabe disso e consegue prová-lo (será que era uma boa ideia filmar o cachorro morrendo antes de pedir ajuda?). Portanto, como informei, você foi cadastrado. Infelizmente (para você e para o dedo-duro), nós gravamos a conversa com o próprio caguetta e ameaçamos extorqui-lo caso ele não topasse extorquir você.

Assim, o dedo-duro comprou nossos serviços de proteção em seu nome, com a sua assinatura. Então tecnicamente vocês já são nossos clientes. Agora basta pagar a rescisão contratual. Vocês podem, é claro, processar seus respectivos caguetas por falsidade ideológica, o que seria absolutamente legítimo. Mas... de novo: o c\* dele está na reta, afinal, nós temos provas de que ele tentou te extorquir. Ficou claro?



“Ah, Maurílio, mas você não pode fazer isso!”.

Eu tenho um Corolla 2020 e um cartão de crédito de ébano: eu faço o que quiser. Na Zipon, não acreditamos em limites ou barreiras de qualquer espécie. Como corolário, não reconhecemos qualquer ideia de invasão de privacidade ou falsidade ideológica, ambas invenções do homem moderno.

Aqui na Zipon, transparência é um pilar inegociável. Uma vez paga a rescisão, limpamos seu nome imediatamente. Essa taxinha praticamente só cobre os nossos custos operacionais: manter uma rede de extorsão é bem mais caro do que você imagina, por isso exige uma logística operacional incrível. A Zipon se orgulha de gerar 8 mil trabalhos formais numa época em que mais de dez milhões de brasileiros enfrentam o desemprego. Entre agiotas, pilotos de fuga e life ruiners – a base da nossa... pirâmide, haha! –, servimos com excelência.

Enfim, encerrada essa etapa de pagamento, um comprovante é emitido no nosso app, e você nunca mais ouve falar de nós – para além de um convite para ingressar no Clube de Vantagens Zipon, que garante descontos, promoções e acesso ao nosso circuito de golfe, tênis e remo.

**heiond**

Mas vou te contar o que acontece depois de viver a experiência da Pirâmide Invertida. Você se apegando à empresa, se apaixonando por ela. Uma vez que você compreende a magia deste trabalho, não quer fazer outra coisa. Eu também já estive aí no lugar de vocês. Sentadinho.

Minha primeira experiência foi como cliente. Mal sabia eu que ser pego envenenando minha sobrinha se consolidaria como o melhor evento da minha vida (e aqui aproveito para agradecer ao Dr. Nicolas Pimenta, alergologista de plantão no Hospital Anjo Novo, por ter tornado tudo isso possível. Se hoje tenho um Corolla 2020, grande parte do mérito é seu, Dr. Pimenta. E da pequena Alice, cujo quase sacrifício não foi em vão.)

É isso, pessoal. Esta é a Zipon e este é o Esquema de Pirâmide Invertida. Espero ter mostrado um pouco do nosso trabalho e, principalmente, ter deixado claro como não somos um esquema de pirâmide. (Essa acusação vale processo, hein!) Não se preocupem, nossos consultores vão entrar em contato individualmente: de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades. Meu papel aqui é apenas plantar uma semente.

Agora vamos falar de planos de adesão. No próximo vídeo instit...



Texto: Mateus Ribeirete  
Imagens: Mateus Marins Pina; Luciano A.F. Pereira; Tairone Gonçalves de Almeida

# DA DIFERENÇA DOS ESPÍRITOS

Embora todas as qualidades do espírito possam ser encontradas num grande espírito, há algumas, porém, que lhe são próprias e particulares: suas luzes não têm limites, age sempre da mesma forma e com a mesma atividade, distingue os objetos distantes como se estivessem presentes, imagina as maiores coisas, enxerga e conhece as menores; seus pensamentos são relevantes, extensos, justos e inteligíveis; nada escapa à sua penetração e esta o leva sempre a descobrir a verdade através das obscuridades que a ocultam aos outros. Mas todas estas grandes qualidades nem sempre podem impedir que o espírito pareça pequeno e fraco quando o humor dele se apodera.

20

Um belo espírito pensa sempre nobremente; produz com facilidade coisas claras, agradáveis e naturais; ele as mostra pelo lado mais iluminado e as enfeita com todos os ornamentos que lhes convêm; penetra no gosto dos outros e tira de seus pensamentos o que é inútil ou o que pode desagradar. Um espírito reto, fácil, insinuante sabe evitar e transpor as dificuldades; dobra-se com facilidade ao que quer; sabe conhecer e seguir o espírito e o humor daqueles com quem trata; e, ao administrar os interesses destes, avança e estabelece os seus. Um bom espírito vê todas as coisas como devem ser vistas; dá-lhes o preço que merecem, sabe voltá-las do lado que mais lhe é vantajoso e se atém com firmeza a seus pensamentos, porque lhes conhece toda a força e toda a razão.

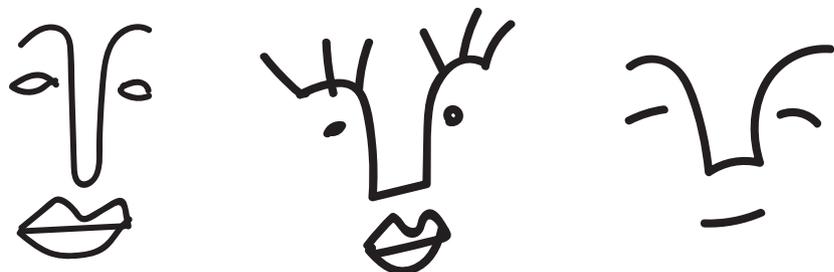
Há uma diferença entre um espírito útil e um espírito propenso a negócios: pode-se entender de negócios sem se aplicar a seus próprios interesses; há pessoas hábeis em tudo o que não lhes diz respeito e muito inábeis no que lhes diz respeito; há outras, pelo contrário, que têm uma habilidade limitada ao que lhes toca e que sabem tirar proveito em tudo.

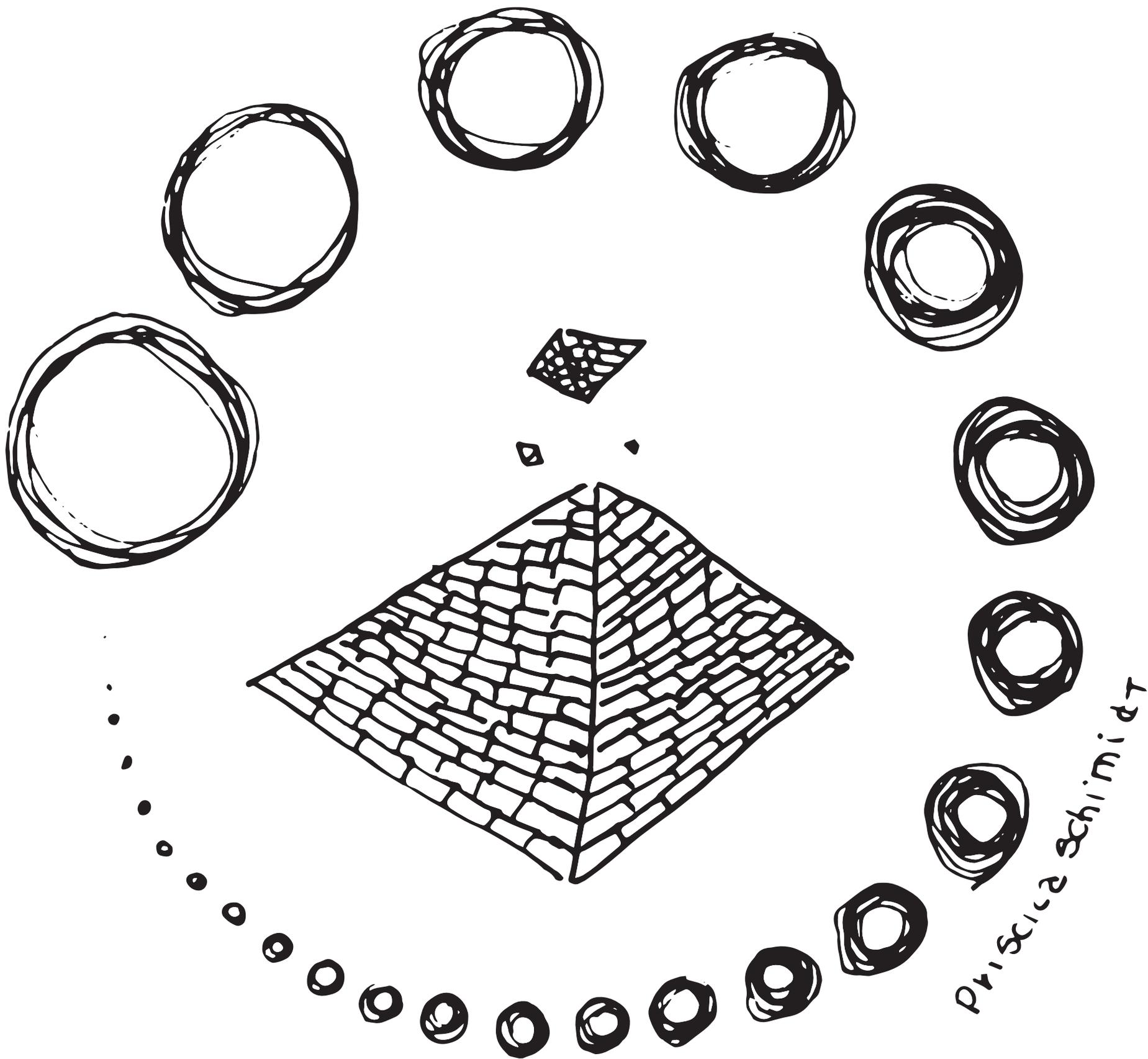
Pode-se ter ao mesmo tempo um ar sério no espírito e dizer muitas vezes coisas agradáveis e alegres; essa espécie de espírito convêm a todas as pessoas e a todas as idades da vida. Os jovens têm usualmente o espírito alegre e zombeteiro, sem o terem sério, e é isso que os torna muitas vezes importunos. Nada é mais difícil a manter que o propósito de ser sempre agradável e os aplausos que recebemos às vezes, divertindo os outros, não compensam ao expor-nos à vergonha de aborrecê-los com frequência quando estiverem de mau humor. A brincadeira é uma das mais agradáveis e perigosas qualidades do espírito: agrada sempre quando é delicada; mas sempre tememos também aqueles que dela se servem com frequência. A brincadeira pode, contudo, ser permitida quando não estiver envolvida em nenhuma maldade e quando nela se incluem as próprias pessoas de quem fala.

*La Rochefoucauld*

*Trecho de Máximas e Reflexões (Escala, 2007)*

*Tradução de Antonio Geraldo da Silva*





**André Comte-Sponville**

Trecho de Pequeno Tratado das Grandes  
Virtudes (Martins Fontes, 1999)

Tradução de Eduardo Brandão.

# O H U M O R



**Q**ue ele seja uma virtude poderá surpreender. Mas é que toda a seriedade é condenável, referindo-se a nós mesmos. O humor nos preserva dela e, além do prazer que sentimos com ele, é estimado por isso.

Se “a seriedade designa a situação intermediária de um homem equidistante entre desespero e futilidade”, como diz lindamente Jankélévitch, devemos observar que o humor, ao contrário, opta resolutamente pelos dois extremos. “Polidez do desespero”, dizia Vian, e a futilidade pode fazer parte dela. É impolido dar-se ares de importância. É ridículo levar-se a sério. Não ter humor é não ter humildade, é não ter lucidez, é não ter leveza, é ser demasiado cheio de si, é ser demasiado severo ou demasiado agressivo, é quase sempre carecer, com isso, de generosidade, de doçura, de misericórdia... O excesso de seriedade, mesmo na virtude, tem algo de suspeito e de inquietante: deve haver alguma ilusão ou algum fanatismo nisso... É virtude que se acredita e que, por isso, carece de virtude.

Não exageremos porém a importância do humor. Um canalha pode ter humor; um herói pode não ter. Mas isso é verdade, como vimos, para a maioria das virtudes, e não prova nada contra o humor, a não ser, o que é claríssimo, que ele não prova nada. Mas se quisesse provar continuaria sendo humor? Virtude anexa, se quisermos, ou compósita, virtude leve, virtude inessencial, virtude engraçada, em certo sentido, pois caço da moral, pois se contenta com ser engraçada, mas grande qualidade, mas preciosa qualidade, que por certo pode faltar a um homem de bem, mas não sem que isso atinja em algo a estima, inclusive moral, que temos por ele. Um santo sem humor é um triste santo. E um sábio sem humor seria mesmo um sábio? O espírito é o que escarnece de tudo, dizia Alain, e é por isso que o humor faz parte, de pleno direito, do espírito.

Isso não impede a seriedade, no que diz respeito a outrem, nossas obrigações para com ele, nossos compromissos, nossas responsabilidades, até mesmo no que diz respeito à condução de nossa própria existência. Mas impede de nos iludirmos ou de ficarmos demasiado satisfeitos. Vaidade das vaidades: só faltou ao Eclesiastes um pouco de humor para dizer o essencial. Um pouco de humor, um pouco de amor: um pouco de alegria. Mesmo sem razão, mesmo contra a razão. Entre desespero e futilidade, às vezes a virtude fica menos num meio termo do que na capacidade de abraçar, num mesmo olhar ou num mesmo sorriso, esses dois extremos entre os quais vivemos, entre os quais evoluímos, e que se encontram no humor. O que não é desesperador para um olhar lúcido? E o que não é fútil, para um olhar desesperado? Isso não nos impede de rir do que vemos, e é sem dúvida o que de melhor podemos fazer. Que valeria o amor, sem a alegria? O que valeria a alegria, sem o humor?

Tudo o que não é trágico é irrisório. Eis o que a lucidez ensina. E o humor acrescenta, num sorriso, que não é trágico... Verdade do humor. A situação é desesperadora, mas não é grave. A tradição opõe o riso de Demócrito às lágrimas de Heráclito: “Demócrito e Heráclito”, lembra Montaigne, “foram dois filósofos, o primeiro dos quais, achando vã e ridícula a condição humana, só saía em público com um semblante zombeteiro e risonho; Heráclito, sentindo piedade e compaixão por essa mesma condição nossa, trazia o semblante continuamente entristecido, e os olhos carregados de lágrimas...” E por certo não faltam motivos para rir ou chorar. Mas qual é a melhor atitude?

O real, que não ri nem chora, não dá a resposta. Isso não quer dizer que tenhamos escolha – em todo caso não quer dizer que essa escolha depen-

da de nós. Eu diria antes que ela nos constitui, nos permeia, riso ou lágrimas, riso e lágrimas, que nós oscilamos entre esses dois pólos, uns pendendo mais para isso, outros mais para aquilo... Melancolia contra alegria? Não é tão simples assim. Montaigne, que tinha seus momentos de tristeza, de abatimento, de desgosto, ainda assim prefere Demócrito: “Prefiro o primeiro estado de espírito”, explica, “não porque é mais agradável rir do que chorar, mas por ser mais desdenhoso e por nos condenar mais que o outro; e parece-me que nunca podemos ser tão desprezados quanto merecemos.” Chorar por isso? Seria levar-se demasiado a sério! Mais vale rir: “Não acredito que haja em nós tanta infelicidade quanta vaidade, nem tanta malícia quanta tolice. [...] Nossa própria e peculiar condição é tão ridícula quanto risível.”

### **DE QUE ADIANTA SE LAMENTAR POR TÃO POUCO (POR ESSE POUCO QUE SOMOS)? DE QUE ADIANTA SE ODIAR (“O QUE ODIAMOS LEVAMOS A SÉRIO”), QUANDO BASTA RIR?**

Mas há rir e rir, e cumpre distinguir aqui o humor da ironia. A ironia não é uma virtude, é uma arma – voltada quase sempre contra outrem. É o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere, que pode matar, é o riso a que Spinoza renuncia (“non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere”), é o riso do ódio, é o riso do combate. Útil? Como não, quando necessário! Que arma não é? Mas nenhuma arma é a paz, nenhuma ironia é o humor. A linguagem pode enganar. Nossos humoristas, como se diz, ou como eles se dizem, muitas vezes não passam de ironistas, de satiristas – e, por certo, são necessários. Mas os melhores misturam os dois gêneros: é o caso de Budor, mais ironista quando fala da direita, mais humorista quando fala da esquerda, puro humorista quando fala de si mesmo e de nós todos.

Que tristeza, se só pudéssemos rir contra! E que seriedade, se só soubéssemos rir dos outros! A ironia é isso mesmo: é um riso que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que goza da cara dos outros. Se se volta contra o eu (é o que se chama autoderrisão), permanece exterior e nefasta. A ironia despreza, acusa, condena... Leva-se a sério e só desconfia da seriedade do outro – ainda que, como bem viu Kierkegaard, venha a “falar de si como de um terceiro”. Isso quebrou, ou antes refreou, mais de um grande espírito. Humildade? Nada disso. Como é preciso, ao contrário, levar-se a sério para zombar dos outros! Como é preciso ser orgulhoso, inclusive, para se desprezar! A ironia é essa seriedade, a cujos olhos tudo é ridículo. A ironia é essa pequenez, a cujos olhos tudo é pequeno.

Rilke dera o remédio: “Atinjam as profundezas: a ironia não desce até lá.” Isso não seria verdadeiro para o humor, e é essa uma primeira diferença. A segunda, a mais significativa, prende-se à reflexividade do humor, à sua interioridade, ao que gostaríamos de chamar sua imanência. A ironia ri do outro (ou do eu, na autoderrisão, como de um outro); o humor ri de si, ou do outro como de si, e sempre se inclui, em todo caso, no disparate que instaura ou desvenda. Não que o humorista não leve nada a sério (humor não é frivolidade).

Simplemente, ele recusa levar a sério a si mesmo, ou seu riso, ou sua angústia. A ironia procura fazer-se valer, como diz Kierkegaard; o humor, abolir-se. Ele não poderia ser permanente nem se erigir em sistema, pois não passaria então de uma defesa como outra qualquer e já não seria humor. Nossa época o perverte, de tanto o celebrar. Há coisa mais triste do que cultivá-lo para ele

mesmo? Do que fazer dele um meio de sedução? Um monumento à glória do narcisismo? Fazer dele uma profissão ainda passa, afinal é preciso ganhar a vida. Mas uma religião? Mas uma pretensão? Seria trair o humor, seria não ter humor.

Quando é fiel a si, o humor conduz antes à humildade. Não há orgulho sem espírito de seriedade, nem espírito de seriedade, no fundo, sem orgulho. O humor atinge este quebrando aquele. É nisso que é essencial ao humor ser reflexivo ou, pelo menos, englobar-se no riso que ele acarreta ou no sorriso, mesmo amargo, que ele suscita. É menos uma questão de conteúdo do que de estado de espírito. A mesma fórmula, ou a mesma brincadeira, pode mudar de natureza, segundo a disposição de quem a enuncia: o que será ironia em um, que se exclui dela, poderá ser humor em outro, que nela se inclui. Aristófanes faz ironia, em *As nuvens*, quando zomba de Sócrates. Mas Sócrates (grande ironista, aliás) dá prova de humor quando, assistindo à representação, ri gostosamente com os outros.

Os dois registros podem, é claro, misturar-se, a ponto de serem indissociáveis, indiscerníveis, a não ser, se tanto, pelo tom ou pelo contexto. Assim, quando Groucho Marx declara magnificamente: “Tive uma noite excelente, mas não foi esta.” Se ele diz isso à dona da casa, depois de uma noite malograda, é ironia. Se diz ao público, no fim de um de seus espetáculos, será antes humor. Mas, no primeiro caso, pode se somar humor, se Groucho Marx assumir sua parte de responsabilidade no fracasso da noite, assim como ironia no segundo, caso o público, isso acontece, tiver denotado uma falta excessiva de talento... Podemos gracejar sobre tudo: sobre o fracasso, sobre a guerra, sobre a morte, sobre o amor, sobre a doença, sobre a tortura... Mas é preciso que esse riso acrescente um pouco de alegria, um pouco de doçura ou de leveza à miséria do mundo, e não mais ódio, sofrimento ou desprezo.

Podemos rir de tudo, mas não de qualquer maneira. Uma piada de judeu nunca será humorística na boca de um anti-semita. O riso não é tudo e não desculpa nada. De resto, tratando-se de males que não podemos impedir ou combater, seria evidentemente condenável contentar-se com gracejar. O humor não substitui a ação, e a insensibilidade, não concerne ao sofrimento dos outros, é uma falta. Mas também seria condenável, na ação ou na inação, levar demasiado a sério seus próprios bons sentimentos, suas próprias angústias, suas próprias revoltas, suas próprias virtudes. Lucidez bem ordenada começa por si mesmo. Daí o humor, que pode fazer rir de tudo contanto que ria primeiro de si.

## **“A única coisa que lamento é não ser outra pessoa.”**

WOODY ALLEN

***COM ARTE E MALÍCIA,  
UMA SICILIANA ALIVIA UM  
MERCADOR TOSCANO DE  
TUDO AQUILO QUE LEVAVA  
A PALERMO PARA VENDER;  
MAS ELE, POR SUA VEZ,  
FAZENDO CRER QUE  
VOLTARA COM MUITO MAIS  
MERCADORIAS QUE  
ANTES, CONSEGUE COM  
ELA DINHEIRO EMPRESTA-  
DO E DEIXA-LHE, EM  
TROCA, ESTOPA E ÁGUA.***